

Silvia Pavani

OS DEMONSTRATIVOS ESTE, ESSE E AQUELE

NO PORTUGUÊS CULTO FALADO EM SÃO PAULO

Dissertação apresentada ao Departamento

de Linguística do Instituto de Estudos

de Linguagem da Universidade Estadual

de Campinas como requisito parcial para

obtenção do título de Mestre em Lingüis

tica. Orientador : Prof. Dr. Ataliba T.

de Castilho

*Este exemplar é a  
redação final da  
dissertação defendida  
por Silvia Pavani e  
aprovada pela  
Comissão Julgadora  
em 08/04/87.*

*Ataliba Teixeira de  
Castilho  
Orientador.*

Campinas  
1987

P288d

7912/BC

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL

... .. 80.3  
... ..  
... ..  
... ..  
... ..  
... ..  
... ..

Lourdes, Felício e Roberto:  
a vocês dedico este trabalho.

### AGRADECIMENTOS

- . Ao Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho, pela orientação e estímulo à realização deste trabalho.
- . À direção do Instituto de Estudos de Linguagens da UNICAMP, bem como aos técnicos do laboratório de línguas e ao pessoal da secretaria de pós-graduação, pela atenção e prestatividade.
- . À amiga Silvia Regina, pelo carinho e hospitalidade que sempre me dispensou.
- . À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelas bolsas concedidas no período de agosto de 1982 a julho de 1984.

## I N D I C E

INTRODUÇÃO.....	1
1. A Norma Urbana Culta e o estudo dos demonstrativos.....	1
2. O campo demonstrativo da linguagem.....	5
3. A questão da referência.....	7
4. O problema dos demonstrativos.....	9
4.1. Descrição morfo(fono)lógica dos demonstrativos.....	9
4.2. Os demonstrativos na gramática portuguesa.....	10
4.3. Os demonstrativos e as classe de palavras.....	13
4.4. Os demonstrativos e os artigos definidos.....	15
5. O corpus.....	24
5.1. Os números.....	26
 I. OS DEMONSTRATIVOS NO SINTAGMA NOMINAL.....	30
I.1. A estrutura do sintagma nominal.....	30
I.2. Os demonstrativos e os outros componentes do SN.....	31
I.2.1. A combinação com o nome.....	31
I.2.2. A combinação com determinantes.....	33
I.2.2.1. A combinação com indefinidos.....	33
I.2.2.2. A combinação com numerais.....	35
I.2.2.3. A combinação com possessivos.....	36
I.2.2.4. A combinação com "próprio" e "mesmo".....	40
I.2.3. A combinação com modificadores.....	41
I.2.3.1. A combinação com adjetivos.....	41

I.2.3.2. A combinação com complementos determinativos.....	42
I.2.3.3. A combinação com orações relativas.....	43
I.2.4. A combinação com preposições.....	44
I.2.5. A combinação com advérbios.....	45
II. OS DEMONSTRATIVOS NO DISCURSO.....	49
II.1. Os demonstrativos como exofóricos.....	49
II.2. Os demonstrativos como endofóricos.....	55
II.2.1. Os demonstrativos anaforicos.....	64
II.2.2. Os demonstrativos cataforicos.....	71
II.3. Os demonstrativos pressuposicionais.....	75
III. DEMONSTRATIVOS E ARTIGOS DEFINIDOS: DUAS CLASSES DISTINTAS.....	77
CONCLUSÃO.....	83
BIBLIOGRAFIA.....	88

## INTRODUÇÃO

### 1. A Norma Urbana Culta e o estudo dos demonstrativos.

A necessidade de se estudar os falares urbanos é reconhecida hoje, dentro da lingüística moderna, como sendo de básica importância.

Foi possivelmente Rona (1958) o primeiro a propor o estudo das normas urbanas. Tratando mais especificamente da América Espanhola, esse autor defende a necessidade de uma dialetologia que não se limite ao estudo apenas da linguagem popular, como se vinha fazendo até então. Esta limitação se deve ao fato de que nos países europeus a variedade lingüística existente dentro da fala culta é muito menor que a existente na linguagem popular. Rona nos fala, então, do quanto a situação dialetal da América é diferente, com a fragmentação se registrando não somente nos níveis populares, mas em todos eles, sendo natural, portanto, que a dialetologia se ocupe também com a fala culta, sendo as modalidades populares estudadas justamente à luz das normas locais, e não em comparação com a norma acadêmica da Espanha, como se costumava fazer então.

Como que seguindo os passos de Rona, Juan Lope Blanch apresenta em 1964 seu "Proyecto de Estudio del Habla Culta de las Principales Ciudades de Hispanoamérica". Abrangendo os centros lingüísticos mais prestigiosos da América, este projeto surgiu com o intuito de se

chegar a um conhecimento pleno do chamado "espanhol da América" , o qual, sob esta denominação única designa modalidades lingüísticas diversas e distintas. A escolha das grandes cidades como objeto de estudo partiu do critério de que a realização lingüística urbana considerada "standard" é claramente foco de irradiação lingüística.

O projeto de Blanch teve grande aceitação pelos pesquisadores da área, tanto que em 1968, por ocasião do IV Simpósio do PILEI (Programa Interamericano de Lingüística e Ensino de Línguas), o Prof. Dr. Nelson Rossi apresentou um relatório recomendando a inclusão do Brasil no projeto, sendo proposto o estudo do português culto falado nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Salvador e Porto Alegre.

Nossa pesquisa sobre os demonstrativos está ligada ao estudo da norma culta na cidade de São Paulo, tendo por objetivo estudar a morfo-sintaxe dos demonstrativos encontrados na fala de paulistanos cultos. Partiremos do "corpus" recolhido por equipes de documentadores do Projeto NURC/SP, arquivado na Universidade de São Paulo e duplicado na Universidade Estadual de Campinas. Trata-se de 340 horas de inquéritos gravados em fitas magnetofônicas, os quais cobrem as variáveis de sexo (m.,f.), faixa etária (I: 25 a 35 anos; II: 36 a 55 anos; III: 56 anos em diante), e graus de formalidade ( Elocução Formal: EF; Diálogo entre Informante e Documentador: DID; Diálogo entre Dois Informantes: D<sub>2</sub>). O tempo de duração dos inquéritos é variável (normalmente ficando entre 40 e 80 minutos de gravação).

Para nossas análises das ocorrências de demonstrativos na fala de paulistanos cultos, procedemos ao fichamento de dez inqueritos, a quantidade fixada pelo Projeto como necessária para que se tenha uma amostra representativa, computando um total de 9 horas e 35 minutos de gravação.

No momento de escolher quais os inqueritos que tomaríamos como objeto de descrição procuramos fazer uma distribuição o mais equitativamente possível dos diferentes tipos de entrevistas, sendo que tal preocupação deveu-se exclusivamente a nosso interesse em proucurar obter, desta forma, uma amostra que pudesse ser considerada como representativa dos falantes paulistanos cultos em geral, bem como das situações (formais ou menos formais) em que os enunciados foram produzidos, não sendo nosso objetivo, aqui, elaborar uma análise sociológica que distinguisse o uso de demonstrativos no âmbito de cada uma dessas variedades em particular.

O Guia-Questionário que orienta o Projeto NUJC/BRASIL prevê para os chamados "pronomes demonstrativos" a análise em separado de: a) demonstrativos em relação com os pronomes pessoais ( este, esse, aquela e suas respectivas flexões de gênero e número); b) demonstrativos sem relação com pronomes pessoais ( tal, o, a ). Iremos nos ocupar, neste nosso trabalho, apenas dos demonstrativos este(a), isto, esse(a), isso, aquela(a), aquilo, de forma que não é nosso objetivo a descrição de tal, o, a, bem como de outras formas que são colocadas, em diversas gramáticas, entre os demonstrativos, como: mesmo, pro-



prio, outro, tanto, etc. Tais formas serão abordadas, no entanto, no caso de ocorrerem em combinação com os demonstrativos cujo estudo nos propomos, por ora, realizar.

Nosso interesse pelo estudo dos demonstrativos este, esse, aquêle na fala culta decorreu da observação de que o valor dado pelos falantes a esses termos nos parecia ser diferenciado, muitas vezes, daquele previsto em nossas gramáticas tradicionais. Além disso, o fato de que o tratamento dado aos chamados "pronomes demonstrativos" pela gramática normativa tradicional basear-se geralmente em textos literários despertou nosso interesse em contribuir para a complementação, e revisão, do tratamento dado aos demonstrativos no português escrito culto, partindo para a análise do comportamento dessas palavras numa outra variedade lingüística: a oral culta.

## 2. O campo demonstrativo da linguagem.

Embora não tenha sido o primeiro a introduzir a consideração funcional sobre a linguagem, foi Bühler, apud Lhorente (1941), no entanto, quem lhe deu um impulso fundamental. Para Bühler, é da tripla orientação indivíduo-mundo-sociedade que brota o triplo fator funcional da linguagem, a saber, a função de Representação, a de Expressão e a de Apelo (funções correspondentes ao que Jakobson, apud Lopes (1977), chama, respectivamente de função Referencial, Emotiva e Conativa, sendo que Lyons (1977) reúne estas duas últimas sob um termo único: Interpessoal, dando à primeira o nome de função Descritiva).

Segundo Bühler, a função Representativa da linguagem é a que se dá mediante a coordenação dos signos de expressão a conteúdos determinados. A função Expressiva é aquela através da qual se expressam diretamente emoções e atitudes interiores do falante em relação ao objeto de sua comunicação. A terceira função da linguagem, chamada de Apelo, tem por objetivo dirigir a atividade exterior e interior do ouvinte em uma direção determinada. Segundo Bühler, é aqui que se encontra, na linguagem humana, a noção de signo como "sinal", noção esta que se verifica, em especial, nas palavras com valor demonstrativo. Para Bühler as partículas demonstrativas (temporais, locais e pessoais) operam no campo da "situação", do ambiente prático em que falante e ouvinte estabelecem um mútuo contato. As formas demonstrativas, enquanto "sinais" que são, diferenciam-se das palavras "símbolos".

lo" (como os substantivos e os verbos) que realizam sua função lingüística no plano da objetividade representada. Daí Bühler dizer que a representação lingüística divide-se em dois grandes campos: o campo Indicativo ou Demonstrativo, que é o campo da intuição sensível, e o campo Simbólico, que é o campo da coordenação ideacional do signo ao objeto significado.

Assim como não se deve entender que a distinção entre "símbolo" e "sinal" se dê de maneira radical e absoluta — as palavras enquanto "sinais" são também "símbolos", na medida em que sua qualidade de "sinais" reduz-se a uma circunstância de ordem prática, não afetando sua essência de signo, de "símbolo" — é importante notar também que o campo Demonstrativo pressupõe um "valor de significação" independente da intuição atual dos objetos sobre os quais se fala. Assim, a palavra com função demonstrativa distingue-se do gesto, que recebe todo seu valor de demonstração da intuição sensível de si mesmo e dos objetos mostrados, faltando-lhe, portanto, um "valor de significação" próprio.

### 3. A questão da referência.

Segundo Halliday ( 1976: 31-37 ) , existem nas línguas certos itens que possuem a propriedade da referência, ou seja, itens que "ao invés de serem interpretados semanticamente por si mesmos fazem referência a alguma coisa mais para sua interpretação". Este é o caso dos demonstrativos, os quais, como itens referenciais que são, podem ser classificados, na terminologia de Halliday, como "exofóricos" (referência situacional) ou como "endofóricos" (referência textual), sendo que, se endofóricos, podem ser "anafóricos" ou "catafóricos", conforme refiram, respectivamente, ao que se mencionou anteriormente ou se vai ainda mencionar em seguida.

Essa terminologia adotada por Halliday parece-nos trazer duas vantagens em relação à terminologia normalmente encontrada na literatura e que faz a distinção entre referência situacional e referência textual em termos de "déixis" e "anáfora", subclassificando-se esta última em "anáfora propriamente dita" e "catafora". Uma das vantagens é que "exofora" é um termo mais específico, não possuindo o inconveniente dos diferentes sentidos a que a noção de "déixis" se expõe: Lahud ( 1979 ) ; a segunda delas é que com "endofora" ao invés de "anáfora" evita-se a repetição do nome no momento da subclassificação ("anáfora propriamente dita").

A respeito de exofora e endofora, Lyons ( 1977: 661 ) faz notar que, muitas vezes, somente através do contexto da enunciação é que se pode decidir se um dado item referencial é exofórico

ou endofórico (ou ambos!), não se podendo tomar esta decisão baseando-se apenas numa análise microlingüística. É o caso, diz ele, de enunciados como:

(1) João olhou para cima quando ele entrou.

em que o pronome "ele" pode estar referindo exoforicamente a uma entidade no contexto situacional, existindo, normalmente, nestes casos alguma característica paralingüística concomitante atraindo a atenção do ouvinte para o referente (um olhar dirigido, por exemplo). Por outro lado, "ele" pode estar referindo endoforicamente a uma expressão correlata que tanto pode estar situada na mesma frase, como não.

#### 4. O problema dos demonstrativos.

##### 4.1. Descrição morfo(fono)lógica dos demonstrativos.

Os demonstrativos que estudamos são geralmente descritos nas gramáticas tradicionais como apresentando formas variáveis quanto a gênero (m.,f.) e número (sg.,pl.), apresentando ainda formas invariáveis, ou neutras, o que nos dá o seguinte quadro:

VARIÁVEIS				INVARIÁVEIS
Masculino		Feminino		Neutro
SG.	PL.	SG.	PL.	
este	estes	esta	estas	
esse	esses	essa	essas	
aquele	aqueles	aquela	aquelas	
				isto
				isso
				aquilo

Uma descrição morfo(fono)lógica mais detalhada desses demonstrativos pode ser encontrada em Rodrigues (1978: 64-65). Diz ele que quando há especificação do objeto referido ("Este livro é meu"), o demonstrativo concorda em gênero (masc. ou fem.) e número (sg. ou pl.) com o nome que designa o objeto ("Este livro". "Esta casa". "Aquele povo". "Estes livros". "Estas núpcias."). As bases /ēste/, /ēse/, /akēle/ sofrem o acréscimo do sufixo -a para a concordância com nomes do gênero feminino, sofrendo ainda mudança morfofonêmica da vogal acentuada que, sendo média, passa a baixa: /ēsta/, /ēsa/, /akēla/.

Já para a referência a objeto não especificado (Isto é meu.) as bases acima descritas sofrem o acréscimo do sufixo -o , sofrendo também mudança morfofonêmica da vogal acentuada que de média passa a alta: /īsto/, /īso/, /akīlo/.

#### 4.2. Os demonstrativos na gramática portuguesa.

Gramáticas da língua portuguesa como as de Soares Barbosa ( 1822: 111-112 ) e Dias ( 1918: 76 ), por exemplo, fazem notar a relação existente entre as formas demonstrativas esta, esse, aquela e os pronomes pessoais da primeira, segunda e terceira pessoa, respectivamente, sendo que Soares Barbosa salienta a propriedade dos demonstrativos de apontar os objetos no espaço, no discurso, ou no tempo , atribuindo a este a designação de coisas próximas ao falante, ou de coisas ditas por ele próprio; a esse a designação de coisas próximas ao ouvinte, ou de coisas ditas pelo interlocutor; e aquela a designação de coisas mais remotas e relacionadas a uma terceira pessoa ou coisa da qual se fala ( ditas pelo próprio falante ou por seu interlocutor ).

É interessante notar que Mattoso Câmara Jr. ( 1956 ) não faz sequer menção ao emprego dos demonstrativos em indicação temporal, referindo-se apenas à capacidade que essas palavras têm de expressar referência: a) a uma posição no espaço ( também atribuindo , como seus antecessores, a este proximidade ao falante, a esse proximidade ao ouvinte, e a aquela distância tanto do falante quanto do

ouvinte ); b) a uma enunciação anterior, ou seguinte, afirmando que ,  
nesses casos, " é a estilística, em última análise, que rege o emprego dos três tipos de demonstrativos ".

Ja' Rocha Lima ( 1957 : 294 ) afirma que as noções de distância no espaço e no texto determinadas pelos demonstrativos se aplicam também à distância no tempo, bem como a referências ao que se mencionou na extensão de um trecho de uma obra, citando como exemplos , respectivamente, as frases: "Naquele tempo, dizia Jesus a seus apóstolos..."; "Nessas observações, que há pouco lemos...".

Rocha Lima é dos primeiros a fazer notar não haver muito rigor na distinção de isto e isso , "em virtude da predominância dos seus valores estilísticos sobre os seus valores gramaticais".

Com relação ainda ao emprego dos demonstrativos em referência temporal, Said Ali ( 1964 : 99- 105 ) explicita que este indica fatos atuais ou fatos cujos efeitos perduram na atualidade; esse , pelo contrário, se refere ao que existiu no passado ou existirá no futuro. Said Ali nada comenta, no entanto, a respeito da forma aquela em indicação temporal.

Chaves de Melo ( 1967 : 269-273 ) complementa este tópico afirmando que " aquela e aquilo designam coisas remotas, distantes do diálogo, alheias ao circuito lingüístico, coisas longínquas no tempo, no espaço ou no interesse ". ( grifos nossos )

Os gramáticos Said Ali e Chaves de Melo detalham melhor que seus antecessores a questão dos demonstrativos em referência ao dis-



curso (do falante ou de seu interlocutor, seja em relação ao que se enunciou bem como ao que se vai ainda enunciar). Dizem eles que, em relação ao discurso, este serve tanto para chamar a atenção para o que já se mencionou quanto para o que se vai ainda mencionar; esse serve para aludir ao que acaba de ser dito não por nós mesmos, mas por nosso interlocutor; aquela é utilizado quando se faz alusão a duas pessoas ou coisas diferentes mencionadas anteriormente, sendo que a distinção se fará com o demonstrativo aquela para a palavra nomeada em primeiro lugar e este para a que vem por último.

Já Cunha ( 1972 : 325 ) observa que para aludirmos ao que por nós foi antes mencionado é também usado o demonstrativo esse.

Finalmente, Mattoso Câmara Jr. ( 1974 ) afirma haver na língua popular do Brasil uma tendência à redução dos demonstrativos a dois tipos apenas: " este e esse, gramaticalmente equivalentes e estilisticamente diversos como mais enfático e menos enfático, de um lado, e, de outro lado, aquela, na base da distinção entre o campo do falante e tudo o mais ".

Como se vê, as afirmações a respeito dos demonstrativos encontradas em nossas gramáticas tradicionais são bastante variadas, e por vezes até divergentes, de forma que nos parece interessante, e importante, sua checagem em nossos dados, possibilitando-nos, assim, chegar ao real comportamento dos falantes cultos paulistanos em relação ao emprego das formas demonstrativas este , esse e aquela .

#### 4.3. Os demonstrativos e as classes de palavras.

Uma importante questão com que nos deparemos também ao iniciarmos o tratamento das formas demonstrativas este , esse , aquele (e respectivas flexões de gênero e número, naturalmente), diz respeito à sua colocação dentro do quadro das classes de palavras.

De acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira vigente, tais formas se incluem entre os pronomes, sendo que a conceituação da pela gramática tradicional ao pronome pode ser representada pela definição dada por Said Ali, apud Mattoso Câmara Jr. ( 1974 ) , definição esta vastamente divulgada nas mais variadas gramáticas do português por nós consultadas. Assim, pronome é "a palavra que denota o ente ou a ele se refere, considerando-o apenas como pessoa do discurso". No caso de denotar o ente, o pronome estaria desempenhando o papel de um substantivo, enquanto que ao referir-se a este ente desempenharia a função de adjetivo. Daí a denominação "pronome substantivo" e "pronome adjetivo".

Mattoso Câmara Jr. ( 1956 ) assinala que alguns gramáticos da época só classificavam como "pronomes" aqueles que fossem substantivos, sendo os outros chamados de "adjetivos determinativos" ( os quais se colocavam lado a lado com os "adjetivos qualificativos"). No entanto, a não-adoção pela NGB da tradicional divisão do adjetivo em qualificativo e determinativo fez com que esse critério fosse abandonado.

A lingüística moderna, de certa forma, retoma esse princí-

pio de que fala Mattoso Câmara Jr., uma vez que tanto a Gramática Estrutural quanto a Gerativa consideram como "determinantes" os constituintes do Sintagma Nominal dependentes em gênero e número do nome que eles especificam ou lhes "fixam uma extensão", deixando o termo "pronome" reservado às palavras que, não sendo um nome, constituem sozinhas o SN.

Assim, dá-se o nome de "determinantes" aos demonstrativos quando estes ocorrem no SN ao lado de um nome, especificando-o. Ex:

- (2) " O comércio está interessado em atingir o maior número de espectadores possível. Ainda que a qualificação desses espectadores possa ser colocada em dúvida." ( D<sub>2</sub> 255, linha 502 )

Por outro lado, dá-se o nome de "pronomes" aos demonstrativos quando estes ocorrem como núcleo do SN, sem um nome a acompanhá-los, portanto. Ex:

- (3) " Então a indústria resolveu acelerar...a transformação ... ah com isto já começou a provocar atropelamentos." ( EF 153, linha 80 )

Jean Dubois ( 1965 : 160 ) afirma que o que caracteriza o sistema dos demonstrativos é justamente o seu duplo "status" sintagmático, ou seja, o fato de poderem desempenhar tanto o papel de constituintes do sintagma ( quando então são classificados como adjetivos ) como o de constituintes da frase ( pronomes ), seja por meio de termos diferentes ou idênticos.

Independentemente da nomenclatura adotada, parece-nos que o importante é o reconhecimento dessas duas funções distintas no interior da classe constituída pelos demonstrativos.

#### 4.4. Os demonstrativos e os artigos definidos.

4.4.1. A relação entre demonstrativos e artigos definidos ( e também os pronomes pessoais de terceira pessoa) tem sido tratada por diversos estudiosos, sendo este relacionamento sugerido, frequentemente, pelo modo como essas palavras foram classificadas pelos antigos gregos, isto é, como pertencentes a uma única classe: áarthron : Robins ( 1966 : 3-19 ).

Segundo Lyons ( 1977 : 636 ), essas formas foram classificadas conjuntamente como "artigo", pelos primeiros gramáticos gregos, naturalmente por não extraírem claras distinções entre elas que justificassem sua colocação em separado no interior de classes distintas , como se faz hoje em dia.

De acordo com Cunha ( 1972 : 221 ) , "o nosso artigo definido provém do pronome demonstrativo latino ille, illa, illud (=aquele, aquela, aquilo). Este valor demonstrativo foi-se perdendo pouco a pouco, mas subsiste ainda, embora enfraquecido, em alguns casos. É o que se observa em frases do tipo: Ficou a (=esta, ou aquela) semana de cama." E Mattoso Câmara Jr. ( 1976 ), falando a respeito do artigo definido, afirma que " categoricamente, ele continua a ser uma partícula pronominal demonstrativa ".

Pontes ( 1978 : 155 ) vai ainda mais longe, dizendo não encontrar, mesmo hoje, nenhuma evidência sintática que leve a considerar o artigo como classe distinta da dos demonstrativos enquanto determinantes, ocorrendo ambos na mesma posição sintática (ou seja, em segundo lugar no sintagma nominal, logo depois dos quantificadores) e não sendo possível co-ocorrerem. Atentando para a semelhança entre os artigos definidos e os demonstrativos em (4) abaixo, em que há Elipse de Nome Idêntico, ela afirma haver "razões sintáticas, bem como semânticas, para tratar o chamado artigo definido e os demonstrativos como uma só classe".

(4) Maria quer { o  
aquele } vestido que está no cabide,  
eu quero { o  
aquele } que está na gaveta.

Ao querer demonstrar que os demonstrativos demonstrativos ( masculinos e femininos) desacompanhados de N não são pronomes verdadeiros, sendo sempre, na realidade, determinantes, precedendo o N na Estrutura Profunda, Pontes afirma que:

"Quando os determinantes aparecem desacompanhados de N na ES, trata-se do efeito da transformação de Elipse de Nome Idêntico , que elimina o nome repetido, mas não suprime o Det (uma vez que a identidade seja só de N's) " (pag.148) .

Queremos observar que tal afirmação não esgota, no entanto, o tema em questão, uma vez que há pelo menos outros três casos em que

formas demonstrativas masculinas e femininas ocorrem no SN desacompanhadas de N. São elas:

1ª) quando essas formas são usadas como predicado nominal de uma sentença com o verbo ser, como em (5) abaixo:

- (5) " Me parece que colocar em manchete que 'o padeiro assassinou a amante', pra vender jornal é uma deformação. Quer dizer, representa até uma subversão de valores, essa é a verdadeira subversão, né?, que subverte os valores e o sujeito não consegue hierarquizar o que é mais importante do que é menos importante. Essa é minha visão." (D<sub>2</sub> 255, linha 864-869)

Dias ( 1918 : 78 ) anotava já tais casos, observando que "quando aos pronomes isto, isso, aquillo se liga, como nome predicativo, um substantivo precedido do artigo, aquellos pronomes são de preferência substituídos pelos pronomes adjectivos este, esta, esse, essa, aquelle, aquella : ' He esta uma observação que me admira não fizessem aqui os Historiadores'."

Como vimos acima, em (5), não apenas quando o substantivo é precedido de artigo: também pode vir precedido de um possessivo.

2ª) quando essas formas são determinadas por uma oração relativa, substantivando-se e designando pessoas. Ex:

- (6) " Às vezes em favela você vê antena de televisão. Aquella ... que mora lá', foi ele que comprou ( )" ( D<sub>2</sub> 390 , linha 1006 )

3) quando o demonstrativo é usado em relação de referência a um elemento do contexto pragmático, como por exemplo em:

(7) Gostei deste.

numa situação em que este não se refira a um enunciado anterior (ou posterior) e sim a algo presente na situação ( e provavelmente aponta do de alguma maneira, seja com o dedo, o olhar, etc. ).

4.4.2. Analisando as diferenças e semelhanças existentes entre definidos e demonstrativos, Ducrot ( 1972 : 251-257 ) comenta que do ponto de vista semântico existe um intercâmbio entre eles, em certos empregos. Ele cita o caso, por exemplo, de alguém que, mostrando a uma outra pessoa um carro estacionado dissesse, indistintamente: "Suba no carro" ou "Suba neste carro". Segundo Ducrot, o demonstrativo, de uma maneira geral, parece poder ser sempre substituído por um definido, ao passo que o inverso, no entanto, não é verdadeiro, uma vez que o emprego do demonstrativo está sujeito a certos limites que não existem no caso do definido.

Procurando situações onde somente o definido fosse utilizável, Ducrot considera o caso em que se quisesse, por exemplo, pedir a um interlocutor que procurasse um livro numa sala ao lado. "Posso muito bem dizer: 'Pegue o livro vermelho que está sobre a mesa', mas não 'Pegue este livro vermelho que está sobre a mesa'. Analogamente dir-se-á: 'Levante o capô e limpe o carburador', mas não: 'Limpe esse carburador'. Não prolonguemos a lista de exemplos porque sua conclusão se reduz à simples banalidade de que o demonstrativo serve para mostrar.

Não posso dizer ESTE x, se não existir um x que, ou é perceptível para meu interlocutor no momento em que falo, ou é mencionado por outro meio no discurso: o demonstrativo só se emprega na presença do objeto (presença no contexto lingüístico ou na situação extra lingüística)."

Apesar de concordarmos com Ducrot quando ele diz que o demonstrativo só se emprega na presença do objeto, temos, no entanto, algumas observações a fazer. Em primeiro lugar, não encontramos problema algum no enunciado "Levante o capô e limpe esse carburador", numa situação em que falante e ouvinte encontrem-se ao lado de um carro. (O carburador pode estar oculto pelo capô, mas o falante pressupõe que seu ouvinte saiba, na verdade, que há um carburador ali.) Em segundo lugar, o enunciado "Pegue este livro vermelho que está sobre a mesa" não é apropriado, no caso descrito, em que o livro em questão se encontra numa sala vizinha, não por uma questão de "ausência"; o que ocorre aí, na realidade, é que a escolha de forma demonstrativa "este" não se mostra apropriada; a inapropriação se devendo não ao fato de se ter usado um demonstrativo em si, mas ao fato de se ter usado especificamente a forma demonstrativa este ao invés de aquela. A marca de "proximidade" que geralmente acompanha o demonstrativo este levou a uma situação de conflito, já que o demonstrativo foi usado em determinação a algo distante. Veja-se que se fosse dito: "Pegue aquela livro que está sobre a mesa (na sala ao lado)" deixaria de existir a situação de conflito, e o demonstrativo estaria perfeitamente encaixado, numa situação em que tanto o falante quanto o ouvinte soubessem



já da existência de um livro vermelho sobre a mesa na sala ao lado. Tan  
to o definido quanto o demonstrativo poderiam ser usados na situação  
acima, portanto. A tese de que o demonstrativo só se emprega na presen  
ça do objeto, no entanto, continua válida, em nosso entender: afinal,  
o demonstrativo, no caso em questão, "mostra" o referente de "livro  
vermelho" como "presente", não na situação, nem no enunciado, é verda  
de, mas na memória do falante e do ouvinte.

John Lyons ( 1977 : 672 ) aborda tais casos afirmando que  
as entidades não precisam obrigatoriamente ter sido mencionadas, ou  
estarem presentes na situação para serem "salientes" no universo do  
discurso. Ele cita o caso, por exemplo, de um falante que, ao ofere  
cer suas condolências a um amigo cuja esposa acabara de falecer num a  
cidente automobilístico, diz: "Senti muito ao ouvir as notícias: eu a  
vi ainda na semana passada." Não é necessário aqui que o falante espe  
cifique a que notícias ele está se referindo, ou quem é o referente  
de "ela" ( "a" ) em "eu a vi ainda na semana passada". Tais referên  
cias envolvem a noção do que Lyons chama de "experiências intersubje  
tivas", também conhecidas sob o rótulo de "conhecimentos compartilha  
dos", ou "memória comum".

4.4.3. Christopher G. Lyons ( 1981 : 1-16 ) dá aos de  
monstrativos, artigos definidos e pronomes pessoais de terceira pes  
soa um tratamento que acomoda o relacionamento diacrônico, de que falá  
vamos inicialmente, existente entre estas formas.

Para Lyons, os demonstrativos partilham com os "definidos" (

que é como ele denomina os pronomes pessoais de terceira pessoa e os artigos definidos, em conjunto) da propriedade [+definido], sendo que os demonstrativos têm, em adição, características do tipo [+demonstrativo] e [+perto].

Uma análise desse tipo, que coloque os demonstrativos como definidos envolvendo "algo mais" em adição à "definitude" ("definiteness"), mostra-se em adequação com a evidência histórica encontrada em inúmeras línguas de que os definidos desenvolveram-se a partir de um demonstrativo, o que pode ser visto como um processo consistindo na perda, pelo demonstrativo, de parte de seu conteúdo semântico.

Dois parecem ser os pontos básicos, segundo Lyons, quando se trata da semântica e pragmática de "definitude":

"Primeiro, a representação semântica de descrições definidas contém uma implicação de existência; o falante acredita que há um referente correspondente para a descrição que ele usou. Segundo, para a descrição definida ser bem sucedida, o ouvinte deve ser capaz de identificar o referente, isto é, ele deve ser capaz de estabelecer qual é o contexto relevante (lingüístico ou espaço-temporal) podendo tanto extrair o referente daquele contexto como inferir a relação existente entre o referente e o contexto."

Assim, em (8) abaixo:

(8) The book I was reading this morning really excited me.

o ouvinte pode saber ou não que o falante estava lendo um livro pela manhã. Caso o referente de "o livro" não seja conhecido pelo ouvinte,

este inferir que existe um tal objeto (preenchendo a descrição utilizada), adicionando então este novo dado à sua memória. O falante estaria, neste caso, informando ao ouvinte da presença do referente, e não apelando para que ele o identifique.

Já em (9) abaixo:

(9) That book I was reading this morning really excited me.

o falante espera que o ouvinte reconheça facilmente o referente, não lhe sendo necessário esforço algum para identificá-lo. O uso do demonstrativo, aqui, "diz" ao ouvinte que o referente deve lhe ser óbvio, provavelmente tendo o ouvinte até mesmo visto o falante lendo um livro pela manhã.

Lyons vê a marca de distância, que geralmente acompanha os demonstrativos, como um recurso suplementar, com função semelhante à da demonstração física, ajudando a colocar em relevo o referente, tornando fácil, assim, sua individualização. ( Este recurso também facilita a referência demonstrativa a mais de uma entidade, sendo também muito útil para a indicação de contraposição, ou contraste, entre entidades, isto é, se ocorre um este na enunciação, está-se admitindo a possibilidade do outro. )

Em suma, para Lyons a verdadeira distinção entre definidos e demonstrativos reside nos diferentes papéis desempenhados pelo falante e pelo ouvinte na identificação do referente. " Com definidos a responsabilidade de identificação é do ouvinte; com demonstrativos o falante assume a maior parte da responsabilidade ". Com demonstrati-

vos, portanto, entende-se que o ouvinte é capaz de identificar facilmente o referente, uma vez que este é normalmente "iluminado" por uma série de recursos ( principalmente demonstração física e marca de distância ), e além disso, o próprio uso em si de um demonstrativo já "diz" que a identidade do referente é assumida como óbvia para o ouvinte.

Lyons reconhece, no entanto, a dificuldade de se dar a definidos e demonstrativos um tratamento que se aplique à totalidade dos casos. Afinal, há momentos em que a opção entre um demonstrativo ou um definido parece ser indiferente para o sentido do enunciado. Pode ser, diz ele, que a distinção entre definidos e demonstrativos seja, por vezes, neutralizada pelo contexto lingüístico.

Mais adiante, no decorrer deste trabalho, apresentaremos u aos de demonstrativos encontrados em nossos dados que realmente nos parecem confirmar a afirmação de Lyons de que os demonstrativos realmente possuem "algo mais" que os artigos definidos não têm.

## 5. O Corpus.

Nosso estudo dos demonstrativos este, esse, aquele, no português culto falado na cidade de São Paulo fez-se através do fichamento e análise de dez inqueritos, que abaixo relacionamos:

### 1. DID 11: Mulher da 2ª faixa etária

Tema: A alimentação. A cidade.

Duração: 50 minutos

### 2. DID 32: Homem da 1ª faixa etária

Tema: Vida social; diversões.

Duração: 45 minutos

### 3. DID 41: Mulher da 1ª faixa etária

Tema: Profissões e ofícios. Sindicatos.

Duração: 40 minutos

### 4. DID 214: Homem da 3ª faixa etária

Tema: Profissões e ofícios.

Duração: 40 minutos

### 5. D<sub>2</sub> 255: Homem da 2ª faixa etária

Tema: Transportes e viagens. Meios de comunicação. A cidade e o comércio.

Duração: 60 minutos

### 6. D<sub>2</sub> 333: Mulheres da 3ª faixa etária

Tema: Cinema, televisão, rádio e teatro.

Duração: 60 minutos

7. D<sub>2</sub> 390: Mulheres da 2ª faixa etária

Tema: Comércio exterior. Política Nacional. Sindicatos.

Duração: 85 minutos

8. EF 153: Homem da 3ª faixa etária

Tema: O cinema brasileiro da década de trinta.

Duração: 80 minutos

9. EF 338: Homem da 1ª faixa etária

Tema: Demanda de moeda.

Duração: 40 minutos

10. EF 365: Homem da 2ª faixa etária

Tema: Objetos voadores não-identificados.

Duração: 35 minutos

Observe-se que o tempo de duração dos inquéritos é variável, sendo que mesmo em inquéritos de igual duração a quantidade de fala registrada é por vezes notadamente diferenciada, uma vez que certos falantes mostram-se bastante prolixos, ao passo que outros são muito mais reticentes.

### 5.1. Os números.

As 1.258 ocorrências de demonstrativos que encontramos nos dez inquéritos por nós fichados, de um total de nove horas e trinta e cinco minutos de gravação, encontram-se distribuídas pelos variados inquéritos da seguinte forma:

Tabela 1 : Distribuição dos Demonstrativos por inquérito

Dem.	esse	essa	isso	este	esta	isto	aquele	aquela	aquilo	SubT
DID 11	025	026	049	003	002	000	008	007	001	0121
DID 32	011	012	033	000	000	002	011	012	004	0085
DID 41	016	006	018	001	000	000	009	004	001	0055
DID 214	013	013	012	001	000	002	001	000	000	0042
D <sub>2</sub> 255	037	050	029	025	037	008	042	032	019	0279
D <sub>2</sub> 333	038	023	043	008	006	008	024	020	012	0181
D <sub>2</sub> 390	047	050	069	008	014	005	027	025	014	0259
EF 153	057	026	016	001	003	002	009	007	003	0124
EF 338	027	011	030	006	001	008	001	001	001	0086
EF 365	004	006	002	001	004	000	004	005	000	0026
SubT	275	223	301	054	066	035	136	113	055	1258
										Tot.

OBS- Conforme explicamos anteriormente, os inquéritos não possuíam todos o mesmo número de horas de gravação, sendo uns mais longos, outros mais curtos; daí, em muitos casos, as discrepâncias quanto ao número de demonstrativos encontrados.

O quadro anterior pode ser resumido, obtendo-se a tabela 2:

Tabela 2 : Quadro-resumo

Dem. / Inq.	DID	D <sub>2</sub>	EF	SubT	%
Este(a),isto	011	118	026	155	12,4
Esse(a),isso	234	386	179	799	63,5
Aquele(a),aquilo	058	215	031	304	24,1
Total: 1258					100,0

Os 1.258 demonstrativos localizados em nossos dados encontram-se distribuídos, com relação a gênero, da seguinte maneira:

Tabela 3 : Distribuição dos Demonstrativos por gênero

Dem. / Gen.	Masc.	Fem.	Neutro	SubT	
Est-	054	066	035	155	
Ess-	275	233	301	799	
Aqu-	136	113	055	304	
SubT	465	412	391	1258	← Total

A flexão de gênero dos demonstrativos em masculino, feminino e neutro encontra-se estreitamente ligada a determinadas funções que essas palavras desempenham.

A oposição entre os demonstrativos masculinos e femininos, de um lado, e os neutros, de outro, é marcada pelo fato de que as



formas demonstrativas neutras caracterizam-se por funcionarem apenas como pronomes, ou seja, como núcleo de um SN, sem um nome a acompanhá-las, ao passo que as formas masculinas e femininas, além de poderem funcionar como pronomes, podem funcionar também, e principalmente, como determinantes, acompanhando, portanto, o nome no SN. O "principalmente" acima se baseia nos resultados obtidos em nossos dados, e mostrados na tabela abaixo:

Tabela 4 : Distribuição dos Demonstrativos de acordo com a função de  
Pronome / Determinante

Gen. dos dem.	Pronome	Determinante	SubT	% Pronome
Neutro	388	—	388	100%
Masc/Fem	092	778	870	10,5%
			1258	← Total

Como se pode observar, a grande maioria (89,5%) das formas demonstrativas masculinas e femininas ocorreram em determinação a um nome, sendo poucos os casos em que apareceram como pronomes ( apenas 10,5% ), o que nos permite dizer que os demonstrativos masculinos e femininos funcionam predominantemente como determinantes, ao passo que os demonstrativos neutros funcionam exclusivamente como pronomes.

É interessante observar que se mantêm em nossa língua formas pronominais demonstrativas neutras ( isto , isso , aquilo ), embora não existam em português substantivos neutros. Soares Barbosa ( 1822 : 113-114 ) já observava a esse respeito que:

" Os demonstrativos neutros que os nossos antigos tomaram da Língua castelhana, em que ainda subsistem, a saber: esso, ello, esto, aquello, e que o uso mudou em isto, isso e aquillo, não tem plural e chamam-se neutros, não porque tomem esta forma para, à maneira dos adjectivos latinos, concordarem com substantivos neutros, mas porque ser vem para mostrar coisas, acções ou sentidos que não tendo género algum, nem masculino nem feminino (os quaes só competem aos nomes substantivos) vem a ser neutros, isto é, de nenhum género, como: 'isto que digo é certo' ; 'isso que tu disseste não o é' ; 'aquillo é bem dito' . "

## I. OS DEMONSTRATIVOS NO SINTAGMA NOMINAL.

### I.1. A estrutura do sintagma nominal.

De acordo com Dubois-Charlier ( 1977 : 105-113 ) o sintagma nominal pode ser formado por um, dois ou três constituintes. O sintagma nominal de apenas um elemento é aquele constituído por um nome ou pronome. Assim, em "Pedro traz a correspondência", o sintagma nominal "Pedro" tem apenas um elemento, o nome.

O sintagma nominal de dois elementos é constituído por um determinante e um nome, como em: "um carteiro".

Det	N
-----	---

O constituinte determinante, por sua vez, pode ser constituído por mais de um elemento, sendo que nestes casos se distingue então um elemento essencial que pode ser um artigo, um demonstrativo ou um possessivo, e dois elementos facultativos, que podem ser chamados de pré-determinantes e pós-determinantes, como em:

" Alguns desses mesmos dez anos "  
SN

" Alguns desses mesmos dez anos "  
Det                      N

" Alguns de esses mesmos dez anos "  
Pre D              Det              Pós D              N

O sintagma nominal pode ser constituído ainda por três elementos quando ao determinante e ao nome se junta um modificador, o qual assume formas diversas, podendo ser: a) um adjetivo como "rural" em: "um carteiro rural", b) um sintagma preposicionado como "da região"

em: "uma carteiro da região" , ou c) uma relativa como "que acaba de chegar" em: "um carteiro da região que acaba de chegar" .

Os demonstrativos que estudamos foram encontrados, em nossos dados, nos três tipos de sintagmas nominais que acabamos de descrever, uma vez que podem constituir: a) um sintagma nominal de um só elemento:  $SN \rightarrow PRO$

(10) " ( ) e depois fazer um paralelo com outras profissões:

isso seria bom para nós, né? " ( DID 41, linha 4 )

b) um sintagma nominal de dois elementos:  $SN \rightarrow Det + N$

(11) " E o piano tem essa vantagem: ( ) " (DID 32, linha 654)

c) um sintagma nominal de três elementos:  $SN \rightarrow Det + N + Mod$

(12) " ( ) aquela porção que busca uma melhor qualificação dos programas acaba se frustrando. " ( D<sub>2</sub> 255, linha 479 )

## I.2. Os demonstrativos e os outros componentes do SN.

### I.2.1. A combinação com o nome.

Quando o demonstrativo aparece no SN em combinação com um nome, concorda em gênero e número com esse nome e que determina. Tais casos podem ser observados através do trecho que transcrevemos:

(13) " Bom, essa parte superior do cuscuzeiro cujo fundo é...tem orifícios né ( ) vai sobre a parte inferior do cuscuzeiro ( ). Esses cuscuzeiros ou são de alumínio

ou de folha de flandres ( ) e o vapor da água é que penetra por aqueles orifícios e vai cozinhando a farinha e ligando. E está pronto quando aquela folha de couve que é verde fica amarela." (DID 11, linha 704 a 714)

São comuns os casos em que há correção, por parte do próprio falante, da concordância entre o demonstrativo e o nome, podendo esta correção ser tanto de gênero quanto de número, como se pode ver por (14) e (15) abaixo:

(14) " Quer dizer: eu acho que nesse... nessa hora se...

( D<sub>2</sub> 390, linha 1173 )

(15) " Então essas pessoas... essa... essas grandes faixas da população pobre ( ). " ( D<sub>2</sub> 333, linha 1038 )

Queremos lembrar ainda que mesmo nos casos de Elipse de Nome Idêntico o demonstrativo continua concordando em gênero e número com o N que foi elidido:

(16) " E de vez em quando ( ) a soga de macarrão. Essa eu não como. " ( DID 11, linha 402 )

(17) Loc 2: " ( ) um belo filme foi 'Orfeu de Carnaval'."

Loc 1: " Foi, mas esse já é antigo." ( D<sub>2</sub> 333, linha 520 )

Com relação à ordem de ocorrência, todas as vezes que o demonstrativo apareceu, em nossos dados, em combinação com um nome, o demonstrativo veio sempre antecedendo este nome, embora, segundo Di-

as ( 1918 : 76-77 ) , " a um substantivo apposto, a que se liga uma or. relativa ou outra determinação equivalente, pode pospor-se o pron. 'este' ou 'esse': 'Omittindo o mais que se innovou com boa mão para o ensino prompto de calligraphia popular... e para a leitura... dos numeros, tanto arabigos como romanos, pequenos benefícios esses que a ingratição pode pagar a sua moda.' " ( Grifos nossos )

Acreditamos que tais casos, em que o demonstrativo ocorre após o nome, sejam mais próprios de linguagem escrita, não tendo ocorrido uma única vez em nossos dados do português oral culto.

#### I.2.2. A combinação com determinantes.

Observamos, em nossos dados, a combinação de demonstrativos não apenas com o nome, mas também com outros componentes do sintagma nominal.

##### I.2.2.1. A combinação com indefinidos.

Os demonstrativos se encontram em co-ocorrência com determinantes diversos no SN, conforme pudemos observar pelos nossos dados. O maior número de casos se deu com o indefinido todo(a), tudo, num total de 46 ocorrências.

Tabela 5 : Combinação dos Demonstrativos com os Indefinidos

Todo(a)(s) + Dem(m, f) + N	16
Dem(m, f) + N + Todo(a)(s)	12
Tudo + Dem(n)	13
Dem(n) + Tudo	05
Total:	46

Como se vê pela tabela 5, a ordem de figuração dos indefinidos é variável, podendo vir ora o demonstrativo, ora o indefinido, iniciando o SN. Exemplos:

(18) " Ai' então, todo aquele caldo com os pedaços de carne e cebola ( ) mistura nessa cebola frita e coa tudo de novo. " ( DID 11, linha 388 )

(19) " ( ) filmava-se em São Paulo com aquelas dificuldades todas a que eu aludi. " ( EF 153, linha 127 )

(20) " Tudo isso a gente vai discutir um pouquinho melhor depois. " ( EF 338, linha 207 )

(21) " Isso tudo a gente sente, né? " (D<sub>2</sub> 390, linha 383)

Observe-se, no entanto, que não aparecem em nossos dados, casos como:

\*(18') Ai' então, aquele todo caldo com os pedaços de carne e cebola ( ).

\*(18'') Ai' então, todo caldo aquele com os pedaços de carne e cebola ( ).

\*(19') ( ) filmava-se em São Paulo com aquelas todas dificuldades a que eu aludi.

\*(19'') ( ) filmava-se em São Paulo com todas dificuldades aquelas a que eu aludi.

Parece-nos, portanto, que nos casos de combinação entre demonstrativos, indefinidos e nomes, o demonstrativo forma com o nome

um sintagma, obedecendo sempre a ordem (Dem+N), e é com este sintagma como um todo que o indefinido se relaciona, podendo ocorrer antes ou depois do (Dem+N). Assim, podemos ter:

$\boxed{\text{Indef} + (\text{Dem} + \text{N})}$  ou  $\boxed{(\text{Dem} + \text{N}) + \text{Indef}}$

Estivemos falando, até agora, apenas do indefinido todo (a), tudo. Com relação a outros indefinidos, os demonstrativos ocorreram em nossos dados apenas duas vezes com a forma alguns, e uma vez com a forma nada, havendo sempre, nestes casos, a presença da preposição de ( por se tratar de construções partitivas ). Os casos ocorridos foram:

(22) " Apesar das condições criadas ( ) alguns daqueles homens com aspirações ambiciosas continuaram lutando. "

( EF 153, linha 412 )

(23) " O sucesso de bilheteria e artístico de alguns desses filmes foi muito grande. " ( EF 153, linha 534 )

(24) " ( ) mas nada disso adianta. " ( EF 153, linha 112 )

Observe-se que, por serem construções partitivas ( "alguns de ", " nada de " ), apenas a ordem  $\boxed{\text{Indef} + (\text{Dem} + \text{N})}$  ocorre, não se encontrando a ordem  $\boxed{(\text{Dem} + \text{N}) + \text{Indef}}$ .

#### I.2.2.2. A combinação com numerais.

Tivemos, em nossos dados, um total de 19 casos de combinação entre demonstrativos e numerais, sendo que em relação à ordem de figuração a mais encontrada tinha o demonstrativo iniciando o SN, se



guido então do numeral e do nome ( que podia estar elíptico ). Exs:

(25) " E é tão raro que o ator nosso tenha esses dois predicados ( ). " ( D<sub>2</sub> 333, linha 457 )

(26) " No ITA são esses três que eu conheço. " ( DID 41, linha 124 )

Houve apenas um caso, em nossos dados, de numeral antecedendo o demonstrativo. Trata-se da oração partitiva abaixo:

(27) " O que talvez seja mais útil é comentar rapidamente dois ou três desses filmes médios. " ( EF 153, linha 217 )

Com relação a essas construções partitivas observe-se que uma alteração sintática na ordem dos termos levaria a uma alteração semântica. Se considerarmos :

a) Três desses filmes

b) Desses três filmes

vemos que a) e b) possuem significações diferentes. A razão disso parece ser que, nesses casos, o determinante mais próximo do nome forma com ele um sintagma, e é com esse sintagma como um todo que o determinante mais distante se relaciona. Os SNs seriam divididos diferentemente em:

a) Três (desses filmes)

b) Desses (três filmes)

Os significados de a) e b) seriam portanto:

a) Três filmes, dentre esses filmes (que são mais de três)

b) Dentre esses três filmes

Foram localizados ainda, nos inquéritos fichados, dois casos em que não apenas um numeral cardinal, mas também um ordinal, aparece após o demonstrativo:

(28) " Durante esses dois primeiros anos da década de trinta ( ). " ( EF 153, linha 120 )

(29) " Eu estou no meio desses penúltimos três. " ( DIO 11, linha 588 )

Como se vê, quando há combinação com numerais cardinais e ordinais, a ordem pode ser  $\boxed{\text{Dem} + \text{Num Card} + \text{Num Ord} + (N)}$ , ou então  $\boxed{\text{Dem} + \text{Num Ord} + \text{Num Card} + (N)}$ . A alteração da ordem entre numerais cardinais e ordinais é indiferente para o sentido do enunciado, ao contrário do que diz Pontes (1978). Apresentando como exemplos a) e b) abaixo, ela afirma que em a) os dois primeiros filhos podem ser o primeiro e o segundo, ao passo que em b) parece que os filhos são gêmeos:

a) Meus dois primeiros filhos

b) Meus primeiros dois filhos

Observe-se que, no entanto, a dupla interpretação se deve ao termo "primeiros", que possibilita os dois sentidos, e não à mudança de ordem entre cardinais e ordinais. Veja-se que com "terceiros" ao invés de "primeiros" a dupla interpretação desaparece ( ou seja, os "dois terceiros filhos" ou os "terceiros dois filhos" serão sempre gêmeos ), não havendo alteração de sentido, portanto, conforme se altere a posição de cardinais e ordinais. Tal discussão, no en

tanto, diz respeito mais à classe dos numerais que à dos demonstrativos. Voltemos, então, ao nosso assunto.

Apesar de não ter aparecido em nossos dados, seria possível, ainda, a ocorrência de demonstrativos apenas com o numeral ordinal (seguido ou não de N ). Exemplos:

(30) Passei os primeiros anos de minha vida no interior. Esses primeiros anos foram ótimos.

(31) Três clubes estão em penúltimo lugar no campeonato. O Marília está entre esses penúltimos .

Assim como os cardinais, os ordinais aparecem sempre após os demonstrativos, excetuando-se também os casos em que ocorrem em construções partitivas, naturalmente. Exemplo:

(32) Passei vinte anos no interior. Os primeiros desses anos foram ótimos, mas depois me cansei.

### I.2.2.3. A combinação com possessivos.

Um outro determinante que co-ocorreu com demonstrativos foi o possessivo. Foram 11 casos, sendo que nove deles ocorreram na estrutura Dem + Poss + N e apenas dois na estrutura Dem + N + Poss . Exs:

(33) " Bom, muito raramente mesmo, por causa desta minha vida de trabalho, né? " ( DID 11, linha 419 )

(34) " O V. mesmo ( ), todas aquelas novelas dele, ele já vendeu para países de fala espanhola. " ( D<sub>2</sub> 333, linha 382 )

Observe-se, no entanto, que a forma possessiva dele(a)(s) só ocorre após o nome. Assim, apesar de ter ocorrido, em nossos dados, o correspondente seu(s), sua(s), em:

( D, 333, linha 848 ) \* aquela dela telinha

Tal situação pode ser explicada pelo fato de que o possessivo a)(s) se origina da contração da preposição de + ele. Segundo a definição dada por Cunha (1972 : 511), "as preposições gramaticais invariáveis que relacionam dois termos de uma oração de modo que o sentido do primeiro (antecedente) é explicado pelo sentido do segundo (consequente)" é natural, portanto, se tenha:

ao invés de "aquela dela telinha" em que a preposição precede os dois

termos ( "telinha" e "ela" ) a serem relacionados. O problema aqui , portanto, é de ordem sintática e relacionado com a preposição e o possessivo, antes que com o demonstrativo.

#### I.2.2.4. A combinação com próprio e mesmo .

Encontramos, ainda, em nossos dados, casos de demonstrativos co-ocorrendo, no SN, com os determinantes próprio e mesmo .

Com próprio foram encontrados os dois casos que transcrevemos abaixo, ocorrendo ambos, como se pode ver, de acordo com a estrutura: Dem + "próprio" + N . Exemplos:

(36) " ( ) essa própria orquestra, a Amsterdam, ( ) . "

(DID 32, linha 384)

(37) " ( ) uma posição diante desses próprios fatos. "

(D<sub>2</sub> 255, linha 1027)

Observe-se que também nestes casos o demonstrativo se combina com um conjunto: o do ( próprio + N ). Observe-se ainda a existência de concordância de gênero e número entre o demonstrativo, o termo próprio e o nome.

Com mesmo ocorreram cinco casos, todos seguindo a estrutura Dem + "mesmo" + N , estando mesmo e N formando um bloco, com o qual o demonstrativo se combina. Continua-se verificando concordância de gênero e número. Exemplos:

(38) " E realmente o que identifica os profissionais que conosco trabalham é esse mesmo espírito comum, esse mesmo ponto de vista. " ( D<sub>2</sub> 255, linha 1118 )

(39) " ( ) colocar essa mesma peça num outro instrumento. "

( DID 32, linha 737 )

Foram encontrados, em nossos dados, dois casos em que a pa lavra mesmo antecedia o demonstrativo. Em tais casos, no entanto, mesmo correspondia a um advérbio e, como tal, não fazia concordância com o demonstrativo. Não se tratava, também, de componentes de um mesmo SN, como se pode ver abaixo:

(40) " E mesmo aquela passagem por estações ( ). " ( D<sub>2</sub> 255, linha 211 )

(41) " Até mesmo essas críticas de terceiros que a gente sempre ouvia dizer ( ). " ( D<sub>2</sub> 255, linha 682 )

### I.2.3. A combinação com modificadores.

Como dissemos anteriormente em I.1., o SN pode ser constituído por três elementos quando ao determinante e ao nome se junta um modificador, o qual assume formas diversas, podendo ser: a) um adjetivo, b) um sintagma preposicionado, c) uma oração relativa.

I.2.3.1. Ocorreram, em nossos dados, 97 casos de combinação entre demonstrativos e adjetivos, sempre com o demonstrativo ocorrendo em primeiro lugar, seja na estrutura Dem+(N+Adj) ou Dem+(Adj+N).

Exemplos:

(42) " O articulista está comentando sobretudo alguns filmes europeus... ahn feitos ultimamente... e ele contrapõe esses filmes europeus... aos filmes americanos... ah tradicionais." ( EF 153, linha 611 )

- (43) " Eu também não me lembro, mas que foi na época dele que foi feita essa atual legislação..." (D<sub>2</sub> 390, linha 1225)

I.2.3.2. Encontramos em nossos dados 146 casos em que ao demonstrativo e ao nome se juntou um sintagma preposicionado (SP) em função de adjunto ou de complemento nominal, obedecendo sempre à ordem:

$\boxed{\text{Dem} + (\text{N} + \text{SP})}$  . Exemplos:

- (44) " ( ) interessa saber então relacionar essa demanda de moeda ( ) . " ( EF 338, linha 121 )

- (45) " A miss que ganhou o lugar de miss tem... junto com a faixa tem aquele sorriso de dentes lindos, não é? " ( D<sub>2</sub> 333, linha 987 )

O nome podia estar elíptico, como se vê em:

- (46) " ( ) uma seqüência ontem do " Globo Reporter " foi essa da... criação de Filas brasileiros e exportação para a Inglaterra. " ( D<sub>2</sub> 333, linha 936 )

Adjetivos e sintagmas preposicionados podem ocorrer simultaneamente no SN junto ao demonstrativo e ao nome. Nestes casos podemos ter:  $\boxed{\text{Dem} + (\text{N} + \text{Adj} + \text{SP})}$  ou  $\boxed{\text{Dem} + (\text{Adj} + \text{N} + \text{SP})}$  ou ainda  $\boxed{\text{Dem} + (\text{N} + \text{SP} + \text{Adj})}$ .

Exemplos:

- (47) " ( ) que é o caso dessa área francesa do Canadá. " (D<sub>2</sub> 333, linha 190)  
Dem    N       Adj       SP
- (48) " ( ) esses novos recrutas da cultura ( ) . " ( EF 153, linha 650 )  
Dem    Adj       N       SP
- (49) " So' este campo de trabalho novo, não é? " ( D<sub>2</sub> 333, linha 396 )  
Dem    N       SP       Adj

I.2.3.3. Foram encontrados 85 casos, em nossos dados, em que ao demonstrativo e ao nome (opcional) se juntou uma oração relativa, obedecendo sempre a ordem Dem + (N + or. rel.) . Exemplos:

(50) " Então quando o filme policial é bem feito... eu me reporto assim a um 'Rififi' , a uma 'Testemunha de Acusação' e outros filmes... eu também gosto, acrescentando a esta lista que o Ruy apresentou. " (D<sub>2</sub> 255, linha 469)

(51) " Aqueles assuntos que não provocam em mim um interesse momentâneo muito grande ( ). " ( D<sub>2</sub> 255, linha 469 )

O nome já referido anteriormente pode elidir-se, como em:

(52) " ( ) o Adolfo Lutz por exemplo assinou todas as revis-  
tas que ahn... não todas que nós assinamos, nós temos  
outras especialidades, mas aquelas que são mais usadas  
eles assinaram ( ). " ( D<sub>2</sub> 390, linha 49 )

Encontramos, ainda, 5 casos em que formas demonstrativas masculinas e femininas desacompanhadas de um N não referido antes de forma expressa aparecem em combinação com orações relativas:

(53) " Então, eu não tenho nada, assim... de pessoal contra a televisão e nem nenhuma forma de restrição àqueles  
que se vêem escravizados. " ( D<sub>2</sub> 255, linha 497 )

Ao contrário dos adjetivos e sintagmas preposicionados, que só ~~ocorreram~~ ocorrem em companhia de N ( que quando muito podia estar elíptico ), apenas após demonstrativos masculinos e femininos, portanto, as



orações relativas podem ocorrer em combinação com demonstrativos neutros. Exemplos:

(54) " É isto que eu conheço de engenharia." ( DID 214, linha 62 )

(55) " Porque o que está no papel nem sempre traduz tudo aqui-lo que ele quis, né? " ( DID 32, linha 750 )

As orações relativas podem ocorrer simultaneamente no SN com os outros dois tipos de modificadores, juntamente com o demonstrativo e o nome, aparecendo a oração relativa sempre em último lugar no SN, como se pode ver abaixo em:

(56) " A não ser essas empresas construtoras que têm todo um departamento formado, mas fora isso... " ( DID 41, linha 367 )

(57) " ( ) representa, assim, o agravamento de um estado, assim... de marginalização da pessoa, ela ser inserida naquele mundo de violência e sexo que é desenvolvido por um jornal como 'NP'. " ( D<sub>2</sub> 255, linha 848 )

#### I.2.4. A combinação com preposições.

Com relação ao aspecto formal, é preciso dizer que os demonstrativos podem se contrair (na fala e na escrita) com as preposições de e em, tomando as formas: deste, desta, disto; neste, nesta, nisto; desse, dessa, disso; nesse, nessa, nisso; daquele, daquela, daquilo; naquele, naquela, naquilo.

Os demonstrativos aquele, aquela, aquilo contraem-se, ainda, com a preposição a , o que nos dá as formas: àquele, àquela, àquilo .

Tivemos, em nossos dados, numerosos casos de contração de demonstrativos com preposições, conforme se pode observar pela tabela abaixo:

Tabela 6 : Contração da Preposição com o Demonstrativo

Prep	Demonstrativos			
	este(a),isto	esse(a),isso	aquele(a),aquilo	SubT
de	12	114	48	174
em	23	079	26	128
a	—	—	09	009
			Total:	311

Exemplos:

(58) " E eu tenho uma prima que é... mu/...musicista, enfim.

Ela é profissional. Trabalha disso, vive disso, trabalha nisso, né? e vive disso. " (DID 32, linha 454)

(59) " E no começo dessa década que nós vamos abordar aqui , o cinema brasileiro estava vivo... ah... parecia, em 1930, no começo do, do 1930, parecia que o cinema brasileiro ia voltar àquela época ah... gloriosa, de um passado... que já... longínquo. " ( EF 153, linha 33 )

### I.2.6. A combinação com advérbios.

De acordo com a literatura consultada "existe uma estreita relação entre o sistema tripartido dos pronomes demonstrativos: este, isto; esse,isso; aquele,aquilo e o dos advérbios: aqui, aí, ali. " : Cunha ( 1972 : 333 ).

Estes advérbios serviriam como "reforço" quando se quisesse precisar melhor a posição das coisas ou pessoas a que se faz referência num dado enunciado, de forma que teríamos "isto aqui" em indicação ao campo do falante, "isso aí" em indicação ao campo do ouvinte e "aquilo ali" em indicação ao campo exterior tanto ao falante como ao ouvinte.

Nos inqueritos por nós analisados também a forma adverbial "lá" ( correspondente a "ali" ) foi encontrada em combinação com demonstrativos, como se pode observar pela tabela que apresentamos abaixo, e na qual mostramos como se verificou, em nossos dados, a distribuição dos advérbios "aqui", "aí", "lá", "ali" em relação às três formas demonstrativas sob análise neste nosso trabalho:

Tabela 7 : Combinação do Demonstrativo com o Advérbio

Adv.	Demonstrativos			Total
	este(a),isto	esse(a),isso	aquele(a),aquilo	
aqui	01	08	—	
aí	—	06	—	
lá	—	—	05	
ali	—	—	02	
SubT	01	14	07	22

Note-se que, conforme mostra a tabela 7, o demonstrativo esse não se limitou a combinar com o advérbio que situa o campo do ouvinte (aí), combinando-se também com o advérbio que caracteriza o âmbito do falante (aqui). É interessante observar, no entanto, que não houve em nossos dados a ocorrência de "este aí", o que parece tipificar não um intercâmbio entre as formas este e esse, uma vez que apenas o esse aparece ocupando a função tradicionalmente atribuída a este, não ocorrendo o contrário. O que temos, na realidade, é o demonstrativo esse assumindo, além de suas próprias atribuições, também as do demonstrativo este. Em suma, é o esse englobando o este. Exemplos:

- (60) " Vamos fazer um esqueminha?... Vamos colocar aqui o tempo... e aqui neste eixo... a quantidade de moeda retida." ( EF 338, linha 72 )
- (61) " Esse K aqui depende de parâmetros institucionais. " ( EF 338, linha 205 )
- (62) " Tudo isso aí é relativo." ( EF 338, linha 265 )
- (63) " ( ) principalmente quando a Manchete publica essas reportagens sobre cidades, por exemplo, sobre o R.J., sobre S.P., inclusive eles fazem aquelas edições especiais... entende? Aqueles edições ali realmente me são interessantes. " ( D<sub>2</sub> 255, linha 1056 )
- (64) " Você viu ( ) a seca que estava lá... a judiação daquele povo morrendo. " ( D<sub>2</sub> 390, linha 725 )

- (65) " ( ) às vezes em favela você vê antena de televisão. A-  
quele que mora lá, foi ele que comprou. " ( D<sub>2</sub> 390, 11  
nha 1006 )

Obs- Na verdade, as ocorrências de combinação entre o advér-  
bio lá e o demonstrativo aquele encontradas em  
nossos dados — exemplos (64) e (65) — não se deram  
entre componentes de um mesmo sintagma nominal, mas a  
relação entre eles é, no entanto, patente.

## II. OS DEMONSTRATIVOS NO DISCURSO.

Ocupamo-nos, no capítulo anterior, dos demonstrativos enquanto constituintes do sintagma nominal. Passemos agora para um outro plano e analisemos estas formas dentro de um sistema mais amplo, o do discurso, ocupando-nos especialmente das relações de referência entre os demonstrativos e a) os elementos da realidade extralingüística (referência exofórica); b) os elementos do próprio discurso (referência endofórica). Por razões de exposição, trataremos isoladamente referência exofórica e referência endofórica. Não se deve pensar, entretanto, dada sua colocação em separado, que elas se excluam uma à outra, ou que possam ser colocadas em compartimentos estanques. É importante reafirmar que muitas vezes encontra-se dificuldade em determinar se uma dada situação de referência é do tipo exofórico ou endofórico, e que somente o contexto global da enunciação pode nos auxiliar nesta tarefa.

### II.1. Os demonstrativos como exofóricos.

Os demonstrativos, como itens referenciais que são, podem ocorrer em referência à situação, sendo o ponto zero das coordenadas espaço-temporais (o "aqui-e-agora") determinado pela posição do falante no momento da enunciação.

Aos demonstrativos portugueses é normalmente atribuído um sistema ternário, ao contrário de outras línguas, que possuem um sistema binário em que se leva em conta tão somente o falante, sendo então indicado o que lhe é próximo e o que lhe é distante (como por exemplo

em inglês: this X that ). O sistema ternário estabelecido para o português, de acordo com nossas gramáticas, leva em conta não apenas o falante, mas também o ouvinte, atribuindo-se a este(a), isto indicação de proximidade ao falante, a esse(a), isso , indicação de proximidade ao ouvinte e a aquele(a), aquilo indicação de distância tanto do falante quanto do ouvinte.

Vimos anteriormente em 4.2. ( pag. 11 ) que em seu emprego exofórico, além de indicação espacial, nossas gramáticas tradicionais apontam para o demonstrativo também o papel de indicador no tempo, e neste caso então o esquema ternário dos demonstrativos corresponde basicamente ao uso de este na indicação de tempo presente em relação ao falante, esse na indicação de tempo um pouco afastado e aquele na indicação de tempo longínquo.

Vimos, ainda, (pag.12) que Mattoso Câmara Jr. afirma existir, na linguagem popular brasileira, um intercâmbio entre as formas demonstrativas este e esse , tanto em seu emprego exofórico quanto endofórico.

Nossos dados, infelizmente, pouco podem contribuir para a discussão dos demonstrativos em seu emprego exofórico, uma vez que a grande maioria das ocorrências de demonstrativos se deu em referência endofórica, sendo poucos os casos de referência exofórica, seja em indicação espacial ou temporal.

Encontramos alguns casos, no entanto, que confirmam o intercâmbio mencionado por Mattoso Câmara Jr. :

(66) " ( ) no momento em que se coloca nesse gráfico a demanda de moeda ( ). " ( EF 338, linha 274 )

Observe-se que ao produzir o enunciado acima o falante, pelo que podemos compreender, fazia um gráfico na lousa. Portanto, o gráfico em questão encontrava-se perto dele, e não de seus alunos, os ouvintes. O falante, portanto, não observou o sistema ternário reservado, em nossas gramáticas tradicionais, aos demonstrativos exofóricos, caso contrário teria feito uso de este ( indicador de proximidade ao falante ) ao invés de esse ( indicador de proximidade ao ouvinte ).

Citamos anteriormente ( pag. 8 ) Lyons (1977), que afirmava haver casos em que somente através do contexto amplo da enunciação é que se pode decidir se um dado item referencial é exofórico ou endofórico ( ou ambos ), não se podendo tomar esta decisão com base apenas em uma análise microlinguística. Ao darmos procedimento à análise de nossos dados, deparemo-nos com enunciados em que justamente nos ressentimos da falta de conhecimento do contexto de sua produção, uma vez que estamos trabalhando com dados extraídos de gravações magnetofônicas, sem podermos contar, portanto, com qualquer auxílio visual que pudesse nos esclarecer, por exemplo, em casos como:

(67) " ( ) a demanda de moeda por transação é igual a ( ) quanto as pessoas retêm em média de moeda em proporção ao nível de renda... Seria... um... vinte e quatro avos, né? Esta certo isso ? " ( EF 338, linha 133 )

O demonstrativo isso , no enunciado acima, pode estar refer-



rindo exofóricamente a uma entidade situacional — uma conta desenhada na lousa — podendo, inclusive, ter sido usada uma demonstração física ( um dedo apontando para o desenho ). Mas pode ser que o demonstrativo estivesse apenas sendo usado em referência anafórica ( isso , no caso, sintetizando um segmento do enunciado anterior, ou mesmo o enunciado todo ), podendo-se pensar também num caso de referência exofórica e endofórica ao mesmo tempo:

Queremos mostrar, assim, a dificuldade, para não dizer a impossibilidade de se dar um tratamento satisfatório a casos de exofora, sem o conhecimento do contexto pragmático da enunciação, tomando como base apenas o que se ouve nas fitas.

Dai nos limitarmos a considerações gerais sobre o assunto, não nos atendo a maiores exemplificações práticas, uma vez que nossos dados, além de escassos, não se mostram, pelos motivos expostos, adequados para a discussão de questões envolvendo proximidade/distância física em relação a falantes/ouvintes.

Com relação aos demonstrativos em referência exofórica queremos lembrar ainda, juntamente com Herculano de Carvalho ( 1976 : 248 ), que relações de proximidade/distância dependem não apenas das circunstâncias objetivas, materiais, ou seja, a distância física existente entre falante e ouvinte, mas também " da maneira subjetiva de conceber sua área de localização por parte do falante. Ele pode concebê-la como muito extensa, de forma a compreender o ouvinte — apesar deste último estar muito distante, na realidade —, ou como muito es

treita, excluindo o receptor, embora ele possa estar bem próximo". Assim, posso dizer (pelo telefone, naturalmente): "aqui, neste grande país, onde estás e eu estou, embora separados por milhares de quilômetros"; ou então, "aqui, no primeiro degrau da escada onde eu me encontro, mas não tu, que estás no segundo". (Exemplos extraídos de Herculano de Carvalho).

A noção de proximidade/distância subjetiva acima aplica-se não somente à localização espacial, mas também à localização temporal. Afinal, "naquela época" é uma expressão que pode nos remeter a dois anos atrás, como a dois séculos. Portanto, as noções de "tempo um pouco afastado" e "tempo longínquo" empregadas normalmente em nossas gramáticas, ao atribuírem a este a indicação de tempo presente, a esse a de tempo um pouco afastado e a aquela a de tempo longínquo estão sujeitas à concepção subjetiva de cada falante com relação à sua localização temporal.

Em determinações de tempo abrangendo o momento em que se fala foi comum o uso, em nossos dados, da forma demonstrativa este, preferivelmente ao da forma esse. Evitando o uso de esse por este, nestes casos, o falante parece querer evitar que se interprete como anaforico um demonstrativo que, na realidade, não remete a um tempo anteriormente mencionado (anafora) mas, sim, a um tempo presente à sua enunciação. Em (68) e (69) abaixo temos a exemplificação de este em referência a um tempo presente à enunciação, e em (70) e (71) exemplos com o demonstrativo esse em referência a um tempo anterior

mente mencionado:

- (68) " ( ) a totalidade das revistas assinadas são de procedência estrangeira e... este ano nós não conseguimos verba ( ). " ( D<sub>2</sub> 390, linha 22 )
- (69) " De 1947 a esta data, um sem número de observações foram feitas. " ( EF 365, linha 48 ) Obs- "esta data" tem, aqui, como significado, "a data em que produzo meu enunciado".
- (70) " Cerca de trinta minutos mais tarde o estranho aparelho sobrevoou a base de G., próxima do F.K., brilhando fortemente ( ). Nesse momento quatro pilotos ( ) voavam sobre a base. " ( EF 365, linha 108 )
- (71) " ( ) mas nesse dia eu estava aqui na minha sala, sintonizei o canal ( ). " ( D<sub>2</sub> 333, linha 426 )

No entanto, a preferência pelo uso de este para diferenciar o momento presente à enunciação, de um momento anteriormente comentado (quando então se usaria esse ) não chega a constituir-se numa regra categórica, uma vez que são encontrados também, em nossos dados, enunciados como (72) abaixo:

- (72) " ( ) vocês não participam das inscrições aqui, nesse ano, pra' professor. " ( D<sub>2</sub> 41, linha 508 )

Estes casos, no entanto, em que o demonstrativo ocorre em determinação de tempo abrangendo o momento da enunciação, nos parecem os de maior resistência a uma possível substituição do esquema ternário.

rio ( este X esse X aquele ) pelo sistema binário ( este / esse X aquele ) dos demonstrativos.

Os casos em que esse e aquele estão relacionados com a i deia de tempo não-presente, ou seja, não abrangendo o momento da enun-  
ciação, parecem constituir-se sempre em casos de anafora, dada a impos-  
sibilidade de se dizer "aquele ano", "nessa época", etc., sem que se  
tenha mencionado anteriormente uma data ou indicação de tempo qualquer.  
Nesses casos, em que se fala de coisas já acontecidas, é comum a ocor-  
rência da forma demonstrativa aquele, sendo também possível, no en-  
tanto, o uso de esse, como vimos em (71), sendo encontrada, por ve-  
zes, também a forma este. Para a compreensão da frase é indiferente  
ao ouvinte que o falante utilize esse (este) ou aquele, pois se com  
aquele o ouvinte sabera que se trata de tempo passado, também com esse  
ele sabera disso, uma vez que encontrara, num trecho anterior, a infor-  
mação temporal.

## II.2. Os demonstrativos como endofóricos.

Quanto aos demonstrativos em referência endofórica — ou se-  
ja, em relação de referência a entidades identificáveis num trecho pre-  
cedente (anafora) ou seguinte (catafora) do discurso — atribui-se,  
normalmente, na literatura, o uso de este para aludir tanto ao que vai  
ser dito como ao que acaba de ser dito por nós mesmos, de esse para  
aludir ao que acaba de ser dito não por nós mesmos, mas pelo interlocu-  
tor, e de aquele quando queremos aludir, discriminadamente, a termos

anteriormente mencionadas, servindo-nos de aquela para o referido em primeiro lugar, e de este para o que foi nomeado por último.

Analisando nossos dados vimos que este realmente é utiliza do tanto anafórica quanto catafóricamente, como se pode ver, respectivamente, pelos exemplos a seguir:

(73) " Com o nascimento dos filhos ( ) nos abrimos um espaço de tempo muito grande sem realmente poder frequentar teatro. E isto acabou tirando o hábito. " ( D<sub>2</sub> 255, linha 323 )

(74) " Isto seria de curso primário: ensinar o brasileiro a falar, pelo menos quando quer falar bem. " ( D<sub>2</sub> 333, linha 140 )

Com relação a esse , realmente o encontramos em nossos dados em alusão ao mencionado pelo interlocutor, como em:

(75) Doc: "Existe algum produto similar brasileiro que seja melhor que o estrangeiro ( )? "

Loc.1: " ( ) mas nós não estamos... eu, pelo menos, não estou a par disso. " ( D<sub>2</sub> 390, linha 328 )

A restrição, no entanto, de esse apenas para alusão a algo mencionado pelo interlocutor de forma alguma se verifica na linguagem oral culta paulistana, o que vem confirmar as observações de Cunha (vi de pag. 12) . Na verdade, de acordo com nossos dados, em sua função en dofórica o demonstrativo esse encontra-se comumente em alusão às palavras do próprio falante, e isto tanto em caso de anáfora quanto de

catafora. Exemplos:

(76) " ( ) foi criado o se... os setores de serviços sociais e como eu era o único médico que trabalhava na Repartição de Águas ( ) então me foi entregue a direção desses serviços sociais. " ( DID 214, linha 34 )

(77) " Sair é raro. A menos, isso sim, passando... passando o fim de semana no sítio. " ( DID 11, linha 444 )

Além disso, não é exclusividade do demonstrativo esse aludir ao que foi mencionado pelo interlocutor, uma vez que também a forma este foi encontrada em tais casos, como se pode observar pelos exemplos abaixo:

(78) Loc. 2: " Gosto de... de filmes de conteúdo real, como esse 'Sérpico' e 'Atentado', né? Os filmes de mensagem, como 'Sidharta' e outros nessa linha, né? "

Loc. 1: " O meu gosto cinematográfico não difere muito do R. não, eu inclusive acrescentaria apenas a esse... a esta série de filmes, dentro dessa mesma linha, os bons filmes policiais. " ( D<sub>2</sub> 255, linha 459 )

Veja-se que em (78) o Locutor 1 ao enunciar "esta série de filmes" refere-se aos filmes mencionados anteriormente por seu interlocutor. É interessante observar que o falante chegou a fazer uso da forma demonstrativa esse ( " acrescentaria apenas a esse " ) abandonando-a em seguida e utilizando então a forma este : ( "esta série de filmes" ). E em sequência, ao enunciar "dentro dessa mesma linha" referin-

do-se também a algo mencionado pelo interlocutor ( "e outros nessa mes-  
ma linha" ) o falante passa a usar a forma demonstrativa esse e não  
mais este como fizera logo anteriormente.

Os paulistanos cultos, em sua linguagem oral, parecem não fazer distinção entre este e esse, portanto, em casos de endófora, ora utilizando uma forma demonstrativa, ora outra.

Os demonstrativos com traços de "proximidade" e de "distância" interpretados em termos de tempo são sempre tratados, na literatura corrente, como casos de exofora. Em nossos dados, entretanto, vimos que de monstrativos endofóricos relacionados com a noção de tempo são freqüentes, e distinguem-se dos usos exofóricos do tipo "este mês", "este ano", "essa semana em que estamos" (vide pags. 53-55). É interessante notar que, apesar da forma demonstrativa aquela ser substituível, nos casos de indicação de tempo passado, pelas formas este/esse, tal não ocorre em indicações de tempo presente e futuro:

- (79) Fui a Londres no ano passado. Este/Esse foi meu primeiro passeio ao exterior.
- Aquele
- (80) Irei a Londres no ano que vem. Este/Esse será meu primeiro passeio ao exterior.
- \*Aquele
- (81) Estou indo para Londres agora. Este/Esse é meu primeiro passeio ao exterior.
- \*Aquele

Como se vê, a forma demonstrativa aquela é exclusiva aos tempos do passado, nesses casos, enquanto que este/esse podem se apresentar tanto com tempos do passado como com os tempos do futuro e do

presente. Como já dissemos anteriormente (pag. 55), nos casos de endofora relacionados com tempo passado, o falante pode escolher entre usar a forma aquela, informando desta maneira ao ouvinte que o referente, encontrável nas circunvizinhanças do discurso, é associado ao traço [+passado], ou usar as formas este/esse, informando assim ao ouvinte, simplesmente, que o referente é encontrável nas circunvizinhanças do discurso, sendo que ao identificar o referente o ouvinte saberá se a associação é feita a um tempo presente, passado ou futuro.

Queremos lembrar, ainda, que os demonstrativos em referência endofórica podem ser usados ao mesmo tempo anafórica e cataforicamente, reformulando-se geralmente em poucas palavras o que se vinha expondo até então, conforme atestam os nossos dados:

(82) " Mas geralmente o fim de semana é esse (anafora!), é de um clube, tomando sol, jogando bola (catafora). "

( D<sub>2</sub> 255, linha 315 ) Obs- O segmento anafórico que antecedia (82) era muito extenso, descrevendo em detalhes o fim de semana, daí não o temos transcrito aqui.

Encontramos, em nossos dados, um uso dos demonstrativos que não se encontra mencionado em nenhuma das gramáticas por nós consultadas — provavelmente por ser característico de linguagem falada: como dissemos anteriormente, as gramáticas tradicionais têm seus estudos feitos normalmente com base em textos literários, linguagem escrita, portanto, deixando à margem usos da linguagem oral como o que mostrarei



mos a seguir. Estamos nos referindo ao uso de forma demonstrativa neutra isso em fórmulas breves, nas respostas, em diálogos, com o valor de um sim, transmitindo mera afirmação ou concordância em relação ao que foi perguntado ou mencionado pelo interlocutor. Exemplo:

(83) Loc. 2: " E com referência a isso que você tá falando ,  
existe ou já existiu uma propaganda na televisão a respeito de um produto brasileiro comprado na França, né? "

Loc. 1: " Isso." ( D<sub>2</sub> 390, linha 603 )

Observe-se que nas oito ocorrências de demonstrativos em respostas curtas com valor de afirmação encontradas nos dez inqueritos fichados a exclusividade não foi apenas com respeito ao gênero neutro, mas também à forma isso, não tendo sido encontrada a forma isto e muito menos aquilo.

A não-utilização, nesses casos, da forma aquilo deve-se, em nosso entender, ao traço distante que acompanha esta forma demonstrativa, o que a torna incompatível com a situação de imediatez que se impõe nesses casos em que o demonstrativo está sendo usado como afirmação ou confirmação de algo perguntado ou mencionado logo anteriormente pelo interlocutor.

Quanto à não-utilização de formas masculinas e femininas, isto se deve ao fato de isso ser, na realidade, nesses casos, uma simplificação de um enunciado do tipo: "É isso mesmo", em que isso tem como referente o conteúdo de todo um trecho do texto enunciado pelo interlocutor, sintetizando o que foi dito, não sendo o caso, portanto, de

referência a um termo específico, masculino ou feminino, com o qual o demonstrativo pudesse concordar.

Do ponto de vista sintático é interessante observar que o demonstrativo nessas respostas curtas com o valor de um sim ocorre não apenas como único componente do sintagma nominal, mas também da oração.

Com relação a demonstrativos neutros queremos observar ainda que os encontramos por diversas vezes, em nossos dados, em indicação de indeterminação.

Segundo Gili y Gaya ( 1967 : 178 ) , o caráter coletivo e de alusão indeterminada dos demonstrativos neutros faz com que os usemos "cuando no queremos determinar el concepto a que nos referimos, bien por ignorancia, bien por deseo de no aclararlo demasiado, y a veces por eufemismo: '¡tápate eso! ' ; ( ) ' No repitas eso ' ; ' Hablemos otra vez de aquello ' . Com los demonstrativos neutros designamos las cosas cuyo nombre desconocemos o olvidamos momentáneamente ( ¡ Qué es esto? Dame el... eso. ), y también las que suponemos desconocidas por nuestro interlocutor: ' Esto es una máquina trilladora ' ( ). Como no pueden referirse a personas, el hecho de designar con ellos a personas singulares o colectivas supone menosprecio: ' Mira eso, ¡Vaya un mamaracho! ' ; ' Aquello es gentuza' . "

Encontramos em nossos dados casos que justamente vêm confirmar boa parte das afirmações feitas acima por Gili y Gaya, como se pode observar pelos exemplos a seguir:

(84) " Você tem muita dor de cabeça às vezes com inquilino,

com isso, com aquilo, você tem sempre muita dor de cabeça com imóvel. " ( D<sub>2</sub> 390, linha 1437 )

(85) " A medicina é uma ciência que se afasta desta da matemática e de cálculos e... isso, né? " ( DID 214, linha 66)

(86) " A expressão k... e y... k tem um nomezinho... que a gente vai dar... vocês entenderam? Isso aqui eu estou introduzindo uma nova notação, estou chamando de y maiúscula... a renda nominal. " ( EF 338, linha 145 )

Em (84) temos o caso do falante que se utiliza do demonstrativo neutro por não querer determinar com clareza o conceito a que se refere. Ele prefere deixá-lo indeterminado, evitando assim, também, o trabalho de uma enumeração dos motivos pelos quais se teria dor de cabeça com imóveis.

Em (85) o falante parece ter esquecido momentaneamente o termo adequado para se referir coletivamente a matemática, cálculos, etc. ( e que seria algo como "ciências exatas" ). A pausa que separa o demonstrativo do que vinha sendo enunciado nos parece confirmar que se trata aqui de um caso de esquecimento do termo adequado, o qual acaba sendo substituído pelo demonstrativo neutro isso .

Em (86) encontramos a exemplificação para o caso em que o demonstrativo neutro se encontra em relação de referência a algo que o falante acredita ser desconhecido por seu(s) interlocutor(es).

Mas não são apenas os demonstrativos neutros que ocorrem em indicação de indeterminação; também as formas demonstrativas masculinas e

femininas ocorreram em nossos dados, muitas vezes como correlatas:

(87) " De maneira que não poderia realmente ser diferente esta posição nossa... ao encarar os diferentes aspectos da vida social. Pode diferir a forma de se definir, com palavras, este ou aquele objetivo, mas os objetivos são realmente comuns. " ( D<sub>2</sub> 255, linha 1128 )

(88) " ( ) se houvesse uma distrital ali que cuidasse só disso... vai o rio Tamandueté não passa só naquele bairro, mas então já haveria colaboração desta, com aquela, com aquela..." ( D<sub>2</sub> 390, linha 1135 )

Com relação aos casos de demonstrativos neutros em referência a pessoas, indicando menosprezo, não encontramos em nossos dados tal situação, mas é interessante a observação que faz Cunha ( 1972 : 330 ) , a este respeito:

" Quando aplicados a pessoas, os neutros 'isto', 'isso', 'aquilo', têm , em geral, sentido fortemente depreciativo: 'Aquilo tem o diabo n'alma'; 'Aquilo é mofino que só galinha'. Mas, pelos contrastes que não raro se observam nos empregos afetivos, podem esses demonstrativos expressar alto apreço por determinada pessoa. Assim, neste exemplo de Camilo Castelo Branco: 'Aquilo é que dava um deputado às direitas!' e neste outro: 'Aquilo, sim, é que era mulher!' verso de um célebre samba de Ateulfo Alves, no qual 'aquilo' está em lugar de 'Amélia', a companheira solícita e resignada, a 'mulher de verdade', como a classifica o poeta. "

Um outro uso interessante dos demonstrativos é o de indicadores de "dimensão incomum". Castilho ( 1976 : 35 ) , observava já o emprego da forma demonstrativa aquela com tal uso. Também a forma esse ocorreu em nossos dados. Apenas demonstrativos masculinos e femininos são encontradas com essa função de indicadores de "dimensão incomum", pois, nesses casos, os demonstrativos aparecem sempre como determinantes dos nomes que terão sua dimensão aumentada ( ou diminuída ). Daí a não utilização de demonstrativos neutros nesses casos.

Queremos ressaltar ainda que os demonstrativos em indicação de "dimensão incomum" dependem extremamente de entonação, sendo muitas vezes acompanhados por gestos com os braços ou dedos que auxiliam na indicação de grandeza ou pequenez. Exemplos:

(89) " ( ) se você fizer uma lista aí de o que você faria se fosse prefeito ( ) ia dar uma lista desse tamanho. "

( D<sub>2</sub> 390, linha 991 )

(90) " O pessoal canta, sem nunca ter estudado canto, sem nunca ter colocado a voz na vida, abre a boca e sai aquela vozeirão ( ). " ( DID 32, linha 526 )

#### II.2.1. Os demonstrativos anafóricos.

O uso de demonstrativos em referência anafórica, ou seja, em relação de referência a algo mencionado já anteriormente ( pelo falante ou pelo interlocutor ), predominou largamente sobre os catafóricos em nossos dados.

Devido a essa predominância do anafórico sobre o catafórico emprega-se correntemente na literatura o termo "antecedente" para designar o segmento do discurso a que somos reportados pelo endofórico ( devido ao fato de estar este segmento, portanto, freqüentemente antecedendo o endofórico ). Talvez fosse preferível adotar o termo "interpretante" de Ducrot ( 1973 : 112 ) , por se mostrar adequada tanto para casos de anáfora quanto de catafora.

II.2.1.1. Analisemos, primeiramente, os casos de anáfora em que o demonstrativo ocorre no sintagma nominal em companhia de um nome.

Meyer-Hermann ( 1976 : 282 ) , distingue cinco tipos ( na verdade ele distingue seis tipos, por diferenciar "classificação" de "categorização", que preferimos, no entanto, tratar em conjunto ) de relações de referência com segmentos anafóricos constituídos de um demonstrativo + N. Tais casos são perfeitamente verificáveis em nossos dados. São eles:

1º) Casos em que há identidade do lexema do segmento anafórico com o lexema do SN funcionando como interpretante. Exemplo:

(91) " ( ) eu mesma preparo o almoço, que em geral é muito concorrido. Não somos só os quatro... tem a minha irmã mais velha, e M. A., ela me ajuda, né, no preparo desse almoço. " ( DID 11, linha 432 )

2º) Casos em que há identidade do lexema do segmento anafórico com a parte lexemática do verbo do predicado funcionando como

interpretante. Exemplos:

- (92) " ( ) não me envergonha, em determinadas circunstâncias de ter que me humilhar para obter alguma coisa, ainda que esta humilhação seja ( ). " ( D<sub>2</sub> 255, linha 157 )

3º) Casos em que existe uma espécie de "relação de sinônimia" entre a parte lexemática do segmento anafórico e a parte lexemática do SN funcionando como interpretante. Exemplos:

- (93) " O entusiasmo contagiou muitas áreas ( ). Os ecos desse animação chegaram aos brasileiros que estavam na exterior ( ). " ( EF 153, linha 381 )

4º) Casos em que a parte lexemática do referencial representa uma "classificação" ou uma "categorização" de partes prévias do texto. Exemplos:

- (94) " Os jornais não têm assim... sido muito bem sucedidos. Mas de qualquer maneira eu creio que uma das explicações que se possa dar a esta falha ( ), " ( D<sub>2</sub> 255, linha 889 )

- (95) " Não se tratava de projéteis teleguiados, mas de aeronaves tripuladas, dada a precisão das manchas e a perfeita formação dos movimentos que se deslocavam. Seria impossível atribuir esse feito a qualquer outra potência. " ( EF 365, linha 184 )

5º) Casos em que a parte lexemática do segmento anafórico representa uma classificação de partes precedentes ( ou seguintes ) do

texto, em um nível metalingüístico. Exemplo:

- (96) " Declara ele, aspas: ' Constituem os OVNS um assunto válido para o estudo científico? Caso positivo, como aplicar o método científico para atingir compreensão? ' Essas questões me vêm perturbando desde 1962. " ( EF 365, linha 218 )

II.2.1.2. Ocupemo-nos, agora, dos casos de anafora em que o segmento anafórico apresenta o demonstrativo isolado de N no sintagma nominal.

Conforme já dissemos anteriormente na introdução deste trabalho (pag. 28), a maioria das formas demonstrativas masculinas e femininas (89,5%) ocorreram, em nossos dados em determinação a um nome, sendo poucos os casos em que ocorreram como pronomes (apenas 10,5%), ao passo que as formas demonstrativas neutras funcionaram exclusivamente como pronomes, isto é, isoladamente de N, como núcleo do SN.

Nossas gramáticas apontam a "sobrevivência do gênero neutro em certos demonstrativos de sentido sintético : isto = esta(s) coisas(s); isso = essa(s) coisa(s); aquilo = aquela(s) coisa(s) " : Rocha Lima ( 1957 : 294 ) .

Realmente, de acordo com nossos dados, as formas demonstrativas neutras parecem prestar-se muito bem para "resumir" o que se expôs anteriormente ( ou se vai expor em seguida ) , ou mesmo como síntese de vários itens especificamente mencionados (ou a mencionar), sendo comum, inclusive, a combinação desses demonstrativos neutros



com um outro determinante, o indefinido tudo , reafirmando o sentido sintético. Encontramos, em nossos dados, casos como os que transcrevemos abaixo:

(97) " Não há distinção nítida entre música popular e música erudita no sentido de que seja boa e outra ruim. Isso é um absurdo. " ( DID 32, linha 402 )

(98) " ( ) e sair andando de bicicleta, ou um cavalo, ou mesmo a pé, entende? Tudo isso dá um sabor de paisagem, um sabor assim... humano... " ( D<sub>2</sub> 255, linha 255 )

(99) " Aquela fórmula hollywoodesca, daquelas superproduções, aquilo tudo foi cedendo lugar a um cinema pobre, não é? " ( D<sub>2</sub> 333, linha 564 )

Este uso do demonstrativo neutro com sentido sintético ou de resumo apontado freqüentemente na literatura por nós consultada deve-se ao fato de os demonstrativos poderem referir anaforicamente ou cataforicamente não somente a termos anteriormente mencionados, ou então a mencionar, mas também a toda uma passagem do texto, a todo um evento. É o que Halliday ( 1976 : 66 ) chama de "referência textual". Ele faz notar, inclusive, que esta capacidade que os demonstrativos possuem de referir anafórica e cataforicamente a toda uma passagem do texto constitui-se num dos maiores recursos coesivos de língua inglesa. Também em português, pelo que pudemos observar em nossos dados, a "referência textual" é um recurso coesivo amplamente utilizado. A grande maioria das 391 casos de demonstrativos neutros observados nas inquéritas per

não analisadas ocorreram em referência a uma porção identificável do texto, sendo bem menos comuns as ocasiões em que o neutro foi usado em relação de referência a nomes, tendo, no entanto, ocorrido alguns casos deste tipo, como se vê pelos exemplos abaixo:

- (100) " É um Cristo humano, real, e nada... e não é propriamente que se repila a religião, mas não se pensa nisso. " ( DID 11, linha 81 )
- (101) " E o pessoal que tem apenas o nível primário, ou nem isso. " ( DID 41, linha 323 )
- (102) " Há quem sabendo do enriquecimento de um médico e advogado pense que a profissão proporciona isso a todos. " ( DID 214, linha 156 )

Gueremos fazer notar, ainda, que não apenas os demonstrativos neutros, mas também os masculinos e femininos podem estar em relação de referência a toda uma passagem do texto, desde que:

- a) o demonstrativo (masc., fem.) **apareça numa estrutura** Dem + ser + Nome, em que o nome represente uma "classificação" ou "categorização" de uma porção identificável do texto, como em (103) abaixo:
- (103) " Quando o locutor ia fazer um teste, o chefe dizia a ele: ' Diga aí os éfe... ésses e os érrres... '. Esse era o teste. " ( D<sub>2</sub> 333, linha 30 )
- b) o demonstrativo (masc., fem.) anteceda um nome que represente uma "classificação" ou "categorização" de uma porção identificável do texto, como em:

- (104) " Conforme o concerto, dez cruzeiros a galeria, cinco cruzeiros o anfiteatro; cinco cruzeiros a galeria, dois cruzeiros o anfiteatro (); mais ou menos isso... essa proporção. " ( DID 32, linha 139 )

Foi comum, nestes casos de referência a toda uma passagem de texto, a ocorrência do nome "coisa(s)", em construções do tipo : "estas coisas", "essa coisa toda", "esse tipo de coisa", etc. Exs :

- (105) " O homem, num determinado momento, ele acha que ele é aquele que tem uma geladeira, tem uma televisão , tem um automóvel, tem uma casa, e realmente ele não pode se imaginar sem estas coisas. " ( D<sub>2</sub> 255, linha 1092 )
- (106) " E se você percorrer aqui o Butantã, você vai ver o tipo de trabalho aqui, não é só o que às vezes se pensa aí fora, que é cobra, picada de aranha e essa coisa. " ( D<sub>2</sub> 390, linha 81 )

- (107) " () a tendência é nos primeiros dias do mês você gastar mais, certo? Gastar mais com transações principalmente aluguel... esse tipo... Mappin, Sears, esse tipo de coisa... pessoal. " ( EF 338, linha 183)

Observe-se que em todos estes casos de demonstrativos masculinos e femininos em "referência textual", a indicação de "resumo" decorre, na realidade, do nome, e não do demonstrativo propriamente.

Halliday ( 1976 : 53 ), chama a atenção, ainda, para a

habilidade do ouvinte ou leitor em identificar qual a porção relevante do texto quando se vê diante de demonstrativas ( e, no caso do inglês, diante do pessoal "it" ) em referência a toda uma porção do texto, creditando esta capacidade de identificação em grande parte à coesão interna à passagem anteriormente mencionada ( " Clearly one of the factors that enables them to do this is the internal cohesion within the passage that is being presupposed." ).

#### II.2.2. Os demonstrativos catafóricos.

Podemos distinguir, de acordo com Halliday ( 1976 : 68-69 ), dois tipos de referência catafórica: a textual (coesiva), em que se encontra em relação de referência a elementos posteriores aos quais ele não está de forma alguma estruturalmente relacionado, e a estrutural, em que o demonstrativo se encontra em relação de referência a um elemento modificador dentro do mesmo sintagma nominal a que ele também pertence, ou seja, a relação de referência é interna à sentença, sendo determinada pela estrutura da sentença.

Os dois tipos de referência catafórica — textual e estrutural — foram encontradas em nossos dados, conforme exemplificamos, respectivamente, abaixo:

(108) " ( ) vamos tentar explicar porque... a demanda de moeda — vamos dar essa notação — demanda de moeda por motivo transações... é uma função do nível de renda ( ). " ( EF 338, linha 59 )

- (109) " Então nós temos aquele dentista que tem seu consultório e aquele dentista que vai trabalhar pro governo (). " ( DID 41, linha 596 )

Os casos de catafora estrutural superam amplamente, em nossos dados, os casos de catafora textual, que foram poucos.

Anotamos a ocorrência, nos inquéritos por nós analisados, de diversos casos de catafora estrutural em que os demonstrativos usados sem um nome a acompanhá-los eram determinados por uma oração relativa, substantivando-se e designando pessoas. Exemplos:

- (110) " Para construção de uma casa () é necessário que haja um pedreiro, um... num sei como é a profissão, mas são esses que armam o telhado. " (DID 214, linha 353)
- (111) " Um minervista é aquele que trabalha com a máquina Minerva. " ( DID 214, linha 318 )

Conforme dissemos anteriormente (pag. 59), encontramos, em nossos dados casos de dupla referência, anafórica e catafórica. São os casos em que o falante usa o demonstrativo em alusão a algo mencionado anteriormente, e em seguida repete, resume ou mesmo reformula o que foi dito antes, talvez por excesso de zelo ou por temer que seu ouvinte não tenha guardado na memória o referente, ou mesmo não tenha ainda conseguido identificá-lo plenamente.

A dupla referência nos parece, portanto, um fato mais típico de linguagem falada que de linguagem escrita; afinal, a linguagem falada impossibilita o receptor de "voltar mais atrás" no texto, para

senar uma possível dúvida, o que leva o falante a repetir, reformular, ou sintetizar o que disse anteriormente, com o intuito de tornar o mais fácil possível para o ouvinte a perfeita compreensão do que foi dito. Exemplo:

(112) " Ai a M. então... hã... cantou lindamente e mais do que cantar, eu acho que a M. tem uma força dramática muito grande (). E é tão raro que o ator nosso tenha esses dois predicados: saiba interpretar e tenha uma boa voz (). " ( D<sub>2</sub> 333, linha 457 )

### II.3. Os demonstrativos pressuposicionais.

De acordo com a concepção pragmática de pressuposição adotada por Stalnaker, apud Dascal ( 1982 : 69 ) , a pressuposição é uma a titude proposicional e não uma relação semântica, de forma que pessooas ( e não proposições, conforme o conceito semântico ) têm ou fazem pressuposições. As pressuposições, neste sentido, seriam, portanto, "propo sições implicitamente supostas antes que o empreendimento lingüístico relevante se efetue".

Tal conceito nos é útil para o tratamento de certos usos de demonstrativos em que estas formas ocorrem em relação de referência a algo que não pode ser encontrado nem na situação pragmática da enuncia ção ( exofora ) nem no discurso ( endofora ), estando apenas pressu- posto.

É o caso, por exemplo, de enunciados como:

- (113) " O governo proibiu a propaganda, mas ele fez uma propaganda indireta através dessas inaugurações, e mesmo através da televisão. " ( D<sub>2</sub> 390, linha 958 )
- (114) " Gosto de filmes de conteúdo real, como esse 'Sérgio' e 'Atentado', né? " ( D<sub>2</sub> 255, linha 456 )
- (115) " Você pára num farol, ali vem: apartamento não sei de onde. Aquelas moças no domingo então... todo farol tem." ( D<sub>2</sub> 390, linha 1026 )
- (116) " A miss que ganhou o lugar de miss tem... junto com a faixa tem aquela sorriso de dentes lindos, não é? " ( D<sub>2</sub> 333, linha 987 )

Analisando o enunciado (113) vemos que não se trata de um caso de endófora, uma vez que não se faz alusão a nenhuma inauguração anteriormente mencionada, ou a mencionar. Note-se, ainda, que tal enunciado não foi produzido, pelo que podemos perceber, numa situação em que inaugurações estivessem sendo levadas a cabo na presença do falante no momento da enunciação, não se tratando também de um caso de exófora, portanto. Entendemos que ao enunciar: " ele fez uma propaganda indireta através dessas inaugurações " o falante pressupôs que seus ouvintes estivessem a par de que o governo havia feito algumas inaugurações recentemente. As proposições implicitamente supostas seriam algo do tipo:

- a) " O governo fez inaugurações recentemente. "
- b) " Vocês sabem disso. "

O falante pode ter motivos diversos para pressupor que seu ouvinte partilhe de determinados conhecimentos seus. Em (114), por exemplo, percebe-se que o falante cita filmes que estavam em voga, faziam sucesso na época em que o enunciado foi produzido ( nov/1974 ). Em (115) comenta-se sobre um fato corriqueiro nas grandes cidades: a distribuição, por belas moças, de folhetos publicitários sobre imóveis de luxo, distribuídos aos domingos aos ocupantes dos automóveis enquanto aguardam o sinal verde. Em (116) temos uma situação típica: as miss sorri, e seus dentes são, invariavelmente, belos.

A ocorrência recente de um fato, sua grande repercussão, a frequência com que ocorre, sua familiaridade, ou até mesmo o fato de falante e ouvinte terem "vivenciado" conjuntamente uma dada situação, são alguns dos principais motivos que podem levar o falante a pressupor que seu ouvinte tem condições de reconhecer facilmente a quê ele está se referindo, sem necessidade de maiores especificações. Se bem que, muitas vezes, o falante acaba por incluir um modificador, fornecendo, assim, maiores detalhes a respeito, podendo, inclusive, terminar por explicitar o referente, como se vê pelos exemplos (117) e (118) respectivamente:

(117) " Porque quando você viaja por aí você vê aquelas borboletas azuis. ( ) e na Europa não existe, eu acho, por que o estrangeiro fica tão bobo quando ele vê aquelas bandejas de ... de frente as borboletas, que não deve existir, né? " ( DIO 390, linha 359 )



(118) " ( ) minha mãe nasceu na rua 15 de Novembro, esquina da rua Anchieta, onde há muitos anos atrás era aquela casa de jóias e pretarias, Casa Castro. " ( OIO 11, linha 524 )

É importante lembrar que pode ocorrer de o falante falhar em suas pressuposições, e o ouvinte, na realidade, não partilhar de seus conhecimentos. Neste caso haverá, provavelmente, uma falha na comunicação, uma vez que o ouvinte não terá condições, ou terá dificuldade, pelo menos, para identificar o referente.

É interessante observar, ainda, a respeito de "pressuposição" que, de acordo com Ochs (1979) e Tannen (1982), que desenvolveram estudos comparativos entre narrativas orais e escritas, é devido principalmente à implicação de "conhecimentos partilhados" — que acaba por criar maior envolvimento entre falante e ouvinte, reforçando-se, portanto, o aspecto de informalidade e de subjetividade da fala — que se explica o maior número de demonstrativos na linguagem oral do que na escrita. Na linguagem escrita, mais formal e objetiva, costumam aparecer, de acordo com os estudos das pesquisadoras acima citadas, artigos definidos em ocasiões em que na linguagem oral normalmente seriam usados demonstrativos.

### III. DEMONSTRATIVOS E ARTIGOS DEFINIDOS: DUAS CLASSES DISTINTAS.

Vimos em 4.4 (pag. 15) que o relacionamento entre demonstrativos e artigos definidos é costumeiramente mencionado na literatura, sendo normalmente apontado que ambos ocorrem com frequência ocupando a mesma posição sintática, nunca co-ocorrendo no SN, e que existe entre eles, em certos empregos, um intercâmbio, o que leva algumas pessoas a cogitarem até mesmo de tratá-los como uma só classe.

Analisando nossos dados, no entanto, vimos que existem razões sintáticas, semânticas e pragmáticas para que consideremos demonstrativos e artigos definidos como classes distintas.

Como já dizia Dubois (1973), no verbete "démonstratif", apesar de demonstrativos e artigos definidos ocuparem a mesma posição no SN, não têm a mesma sintaxe ( em particular a pronominalização ), o que se pode comprovar pelos exemplos abaixo:

(119) " E de vez em quando ( ) a sopa de macarrão. Essa eu não como. " ( DID 11, linha 402 ) \*A

(120) " Não há uma distinção nítida entre música popular e música erudita, no sentido de que seja boa e outra se ja ruim. Isso é um absurdo. " ( DID 32, linha 402 )

\*O

Do ponto de vista semântico, o artigo definido não expressa, por exemplo, localização, como os demonstrativos. Assim, em (121) abaixo, os demonstrativos grifados "localizam" os substantivos que determinam, como próximos ( o primeiro, no texto, constituindo-se, por-

tanto, num caso de endófora, e o segundo, na situação pragmática, constituindo-se num caso de exófora), ao passo que se tivesse sido usado um artigo definido tal sentido se perderia, sendo que, neste caso, a frase ficaria, no mínimo, esquisita.

- (121) " Então, nesse sentido ( anáfora: referência a algo anteriormente mencionado pelo falante ) a demanda de moeda por precaução é também uma função da... do nível de renda e ela é confundida com motivo transação no momento em que se coloca nesse gráfico ( exófora: referência a algo presente proximamente ao falante ) e... demanda de moeda ( ). " ( EF 338, linha 271 )

Concordamos com Christopher G. Lyons (1981), portanto, quando ele afirma que os demonstrativos partilham com os artigos definidos a propriedade [+definido], tendo em adição, no entanto, características do tipo [+demonstrativo] e [+perto]. Afinal, ao fazer uso de um demonstrativo o falante fornece ao seu ouvinte mais informações do que se usasse um artigo definido. Daí, muitas vezes, apesar de o demonstrativo poder ser substituído por um artigo definido sem maiores prejuízos sintáticos, tal substituição acarreta prejuízos de outra ordem: no mínimo, a substituição de um demonstrativo por um artigo definido oculta a intenção do falante em deixar claro ao seu ouvinte a obviedade do referente. Exemplos:

- (122) " Durante esses dois primeiros anos da década de 30 ( ) foram produzidos...é bem mais de 30 filmes ( ). " ( EF 153, linha 120 )

(123) " Eu estava perguntando para você qual era sua entidade, né? que patrocinava... essa entrevista. " ( D<sub>2</sub> 390, linha 7 )

(124) " Eu estive em Santa Catarina e sabe? aquela... aquela... ah... ah... ali perto daquela grande... daquela grande lagoa... " ( D<sub>2</sub> 333, linha 321 )

Observe-se que no enunciado (122), produzido num contexto em que se vinha falando de acontecimentos cinematográficos variados o corridos a partir de 1930, poderíamos substituir o demonstrativo por um artigo definido, sem nenhum prejuízo sintático, e mesmo semanticamente a frase não teria inconvenientes, sendo perfeitamente inteligível. Com artigo definido, "os dois primeiros anos de década de 30" poderiam ter sido já comentados ou não, enquanto que com demonstrativo, no entanto, fica claro que sim. Dizer "esses dois primeiros anos" corresponde, no enunciado em questão, a dizer: "os dois primeiros que mencionamos". O demonstrativo, portanto, realmente possui "algo mais" que o artigo definido.

No enunciado (123), em que temos não mais um caso de endófora ( não se faz referência a nenhuma entrevista anteriormente mencionada ) mas de exófora, a substituição do demonstrativo por um artigo definido é também possível, tanto sintática quanto semanticamente, perdendo-se, no entanto, parte do sentido da frase. Dizer "essa entrevista" corresponde, no enunciado acima, a dizer: " a entrevista que presentemente realizamos aqui e agora."

Também em (124) o demonstrativo pode ser substituído por um artigo definido sem maiores prejuízos para a sintaxe e a semântica da frase. Com demonstrativo, no entanto, o falante parece indicar ao seu ouvinte a obviedade do referente. Dizer "aquela grande lagoa" corresponda, no enunciado citado, a dizer " a grande lagoa que você provavelmente conhece ". Observe-se que o falante parece ter esquecido o nome da lagoa ( Lagoa da Conceição, naturalmente ), mas baseado no conhecimento que tem de seu interlocutor ( trata-se, no caso, de duas pessoas amigas, ou conhecidas, pelo que se pode perceber pela entrevista completa ) acredita que este possa identificar facilmente a quê lagoa está se referindo, seja pela fama da tal lagoa de Santa Catarina, ou até mesmo por saber que seu ouvinte já tenha, inclusive, visitado tal local.

Existem casos, ainda, em que a substituição de um demonstrativo por um artigo definido é sintaticamente possível, mas semanticamente não, uma vez que a frase se tornaria ininteligível, justamente por faltar o "algo mais" veiculado pelo demonstrativo. Exemplos:

(125) " As coisas estavam nesse pé quando... quando houve o crack do World Street. " ( EF 153, linha 84 )

(126) " E foi nesse serviço que eu me aposentei. " ( EF 14, linha 36 )

Com artigo definido seria necessário que se acrescentasse explicitamente, após o substantivo, algo como: "que vínhamos comentando", para que a frase fizesse sentido. Com demonstrativo, no entanto,

tal sentido é dado, já, tornando desnecessária a cláusula relativa ( o que não significa que ela não pudesse ocorrer; pelo contrário, conforme já dissemos anteriormente, tais casos foram até comuns em nossos da dos, o que creditamos ao alto grau de redundância que normalmente permeia a linguagem falada ).

Portanto, o que verdadeiramente distingue os demonstrativos dos artigos definidos é a indicação de obviedade que o falante fornece ao seu ouvinte, no que diz respeito à identificação de referentes. Usando um demonstrativo o falante "diz" ao seu ouvinte que o referente deve lhe ser óbvio, seja por sua presença no contexto pragmático da enunciação ou no desenrolar do discurso ( quando recursos como "demonstração física" e "marcas de distância" costumam ser empregadas ), seja por sua presença na "mente" de ambos: o ouvinte, ao se deparar com um demonstrativo cuja relação de referência ele não consegue estabelecer seja exofórica ou endoforicamente, deduzirá que tal relação deve ser estabelecida com base em conhecimentos que partilhe com seu interlocutor ( ou que, pelo menos, seu interlocutor assim o crê ).

Reconhecemos haver ocasiões, no entanto, em que a distinção entre um enunciado com demonstrativos ou artigos definidos é muito pequena. É o caso, por exemplo, de certas ocorrências em que o demonstrativo ( a forma aquele , mais especificamente ) é seguido de cláusula relativa, como nos enunciados seguintes, por exemplo:

(127) Loc. 2: " Cooperativa, né? O nome está dizendo: é uma cooperação de alguém com alguém, né? É, cooperativas são agricultores. "

Loc. 1: É uma reunião de agricultores, é aquele órgão  
que se incumbe de distribuir o produto deles. " ( D<sub>2</sub>  
390, linha 1344 )

(128) " ( ) eu limito a minha leitura diária apenas àqueles  
assuntos que exigem uma posição mais imediata. " ( D<sub>2</sub>  
255, linha 928 )

Acreditamos que pudessem nos trazer contribuições para a  
compreensão de tais casos um estudo detalhado das orações relativas ,  
do ponto de vista da referência, bem como um estudo comparativo entre  
narrativas orais e escritas do tipo desenvolvido por Ochs e Tannen ,  
que mencionamos à pag. 76. Na impossibilidade de nos aprofundarmos ,  
por ora, no assunto, deixamos aqui aberto um caminho para futuras in-  
vestigações.

## CONCLUSÃO

1. O sistema dos demonstrativos caracteriza-se pela dupla função de seus membros, que podem desempenhar o papel de um determinante, ocorrendo, portanto, ao lado de um nome, especificando-o, bem como o papel de um pronome, ocorrendo então como núcleo do sintagma nominal, em lugar do nome.

Os demonstrativos portugueses são classificados pela N.G.B. ( Nomenclatura Gramatical Brasileira ) como pertencentes todos à classe dos pronomes, sendo denominados pronomes adjetivos quando ocorrem em companhia de um nome, e pronomes substantivos quando ocorrem isoladamente.

2. Com relação à ocorrência dos demonstrativos no sintagma nominal vimos que estes podem: a) constituir um sintagma de um único elemento, quando funcionam como pronomes; b) entrar na constituição de um sintagma de dois elementos, junto a um nome, quando funcionam como determinantes, e como tal, podem vir acompanhados de elementos facultativos denominados pre-determinantes e pós-determinantes; c) entrar na constituição de um sintagma de três elementos, quando ao demonstrativo e ao nome se junta um modificador, o qual pode assumir a forma de um adjetivo, de um sintagma preposicionado ou de uma oração relativa.

Em combinação com o nome os demonstrativos ocorreram, em nossos dados, antecedendo-o, sempre. Quanto à combinação com pre e pós-



determinante, a ordem de ocorrência encontrada em nossos dados pode ser resumida da seguinte forma ( levando-se em conta a ordem mais encontrada, apenas, em cada um dos casos ):

Indef+Dem+Poss+"mesmo" e "próprio"+Num+N

Quanto à combinação com modificadores a ordem de ocorrência que mais encontramos nos inqueritos fichados foi:

Dem+N+SP+Or. rel.

o que nos permite chegar ao seguinte quadro geral:

SN								
Pre det	Det	Pós det			N	Modificador		
Indef	Dem	Poss	"mesmo" e "próprio"	Num	N	Adj	SP	Or rel

Obs: Com relação aos possessivos, a mesmo e próprio e aos numerais, nossos dados só nos permitem afirmar que ocorrem após os demonstrativos e antes de N ( daí nós os termos colocado entre os pós-det ), não tendo havido, no entanto, ocorrência simultânea dessas palavras nos inqueritos que fichamos. A ordenação que demos para elas, acima, baseia-se apenas, portanto, em nosso conhecimento intuitivo da língua.

3. Do ponto de vista da referência vimos que os demonstrativos são normalmente classificados, na literatura corrente, como exofóri-

cos — ou seja, em relação de referência a elementos presentes no con texto situacional — e como endofóricos — isto é, em relação de referência a entidades identificáveis num trecho precedente ( anáfora ) ou seguinte ( catafora ) do discurso.

Aos demonstrativos em referência exofórica atribui-se, normalmente, na literatura, o uso de este para indicação de proximidade ao falante, de esse para indicação de proximidade ao ouvinte, e de aquela para indicação de distância tanto do falante quanto do ouvinte. Em seu emprego exofórico atribui-se também aos demonstrativos o papel de indicadores de tempo, e neste caso, então, o esquema ternário dos demonstrativos corresponderia ao uso de este na indicação de tempo presente em relação ao falante, de esse na indicação de tempo um pouco afastado, e de aquela na indicação de tempo longínquo. Infelizmente foram poucos, em nossos dados, os casos de referência exofórica, seja em indicação espacial ou temporal, uma vez que a grande maioria das ocorrências de demonstrativos se deu em referência endofórica. Ainda assim, pudemos perceber que o sistema acima descrito não se mostrou muito pertinente em nossos dados, uma vez que nas ocorrências demonstrativas exofóricas encontramos uma alternância entre as formas demonstrativas este e esse, as quais se mostravam gramaticalmente equivalentes.

Quanto aos demonstrativos em referência endofórica atribui-se, normalmente, na literatura, o uso de este para referir tanto ao que se enunciou quanto ao que se vai ainda enunciar, de esse para re

ferir ao que acaba de ser dito, e de aquele para referir ao que foi dito mais anteriormente. Nossos dados, entretanto, mostraram mais uma vez uma alternância entre este e esse, ambos indicando proximidade no contexto lingüístico. Também não se mostrou relevante, de acordo com nossos dados, a distinção encontrada em algumas gramáticas, segundo a qual se usaria este ao aludir ao que acaba de ser dito pelo próprio falante, e esse ao aludir ao que acaba de ser dito pelo interlocutor. Nestes casos, temos novamente em nossos dados a alternância entre este e esse.

Parece-nos, portanto, que na linguagem oral culta, apesar de serem utilizadas as três formas demonstrativas ( este, esse, aquele ), há uma tendência a se reduzir o esquema dos demonstrativos de ternário para binário ( este/esse X aquele ). Nossos dados mostram, ainda, uma significativa prevalência de esse sobre este: das 954 ocorrências destas duas formas demonstrativas, 799 são de esse ( 83,75 % ) e apenas 155 são de este ( 16,25 % ). É a vitória do esse sobre este que se pronuncia em nossos dados !

Nossos dados mostraram, ainda, que além da relação de referência à situação pragmática ( exofora ) e ao discurso ( endofora ), os demonstrativos podem, também, estar em relação de referência a algo apenas pressuposto, ou seja, algo que não se encontra presente nem no contexto situacional, nem no discurso, mas apenas na mente do falante e do ouvinte. O falante, nesses casos, usa o demonstrativo para indicar a obviedade de um referente, com base em conhecimentos que partilha ( ou

crê partilhar ) com seu ouvinte.

Chamou a nossa atenção o fato de que esses casos de referência a algo apenas pressuposto não são sequer citados nas mais tradicionais gramáticas do português, constituindo-se, no entanto, num recurso discursivo amplamente utilizado na linguagem oral culta dos paulistanos, de forma que acreditamos ser necessária uma maior atenção, por parte de quem se interesse pela gramática portuguesa, para com tais casos, que não podem mais continuar sendo ignorados, relegados, como têm sido.

4. Esta propriedade dos demonstrativos, de indicar a obviedade do referente nos parece ser, inclusive, o que, em última análise, realmente diferencia esta classe de palavras de uma outra classe que lhe é bastante semelhante: a dos artigos definidos. Vimos que com artigos definidos o falante pode conhecer, ou não, o referente, ao passo que com demonstrativos o falante "diz" ao seu ouvinte que o referente deve ser-lhe óbvio, seja pela sua presença no contexto pragmático da enunciação, seja pela sua presença nos arredores do discurso, ou seja, ainda, pela sua presença na memória de ambos.

BIBLIOGRAFIA

- BLANCH, J. L. (1967) " Proyecto de estudio del habla culta de las principales ciudades de Hispanoamérica ". El simposio de Bloomington. Bogotá. Instituto Caro y Cuervo.
- CASTILHO, A. T. (1978) " Análise preliminar dos demonstrativos na Norma Culta de São Paulo " . Estudos Lingüísticos 2 : 3-10.
- CHAVES DE MELO, C. (1967) Gramática Fundamental de Língua Portuguesa . 1970. 2ª ed. Livraria Acadêmica.
- CUNHA, C. (1972) Gramática da Língua Portuguesa. 1977. 4ª ed. RJ. MEC.
- DIAS, A. E. S. (1918) Syntaxe Histórica Portuguesa. 1918. 1ª ed. Livraria Clássica. Lisboa.
- DUBOIS-CHARLIER, F. (1976) Bases de Análise Lingüística. 1977. 2ª ed. Almedina. Coimbra.
- DUBOIS, J. (1965) Grammaire structurale du français: nom et pronom . 1965. 1ª ed. Librairie Larousse. Paris.
- DUBOIS, J. (1973) Dictionnaire de linguistique. 1973. 1ª ed. librairie Larousse. Paris.
- DUCROT, D. (1972) Princípios de Semântica Lingüística. 1977. Cultrix . SP.
- DUCROT, D. (1973) Dicionário das Ciências da Linguagem. 1982. 6ª ed. Publicações Dom Quixote. Lisboa.
- GILI Y GAYA, S. G. (1967) Curso Superior de Sintaxis Española. 1967 . 9ª ed. Vox. Barcelona.

- HALLIDAY, M. A. K. and HASAN, R. (1976) Cohesion in English. 1980. 4<sup>th</sup> ed. Longman. London.
- HERCULANO DE CARVALHO, J. G. (1976) " Systems of deictics in Portuguese ", in H. Radefeldt (ed). Readings in Portuguese Linguistics. 1976: 245-265. Oxford.
- LAHUD, M. (1979) A Propósito da Noção de Dêixis. Ensaios 61. Ática. SP.
- LHORENTE, R. C. (1941) La Teoria del Lenguaje de Carlos Bühler. 1941 . 1<sup>st</sup> ed. Madrid.
- LOPES, E. (1977) Fundamentos da Lingüística Contemporânea. 1977. 2<sup>nd</sup> ed. Cultrix. SP.
- LYONS, C. G. (1981) " Using and understanding definites and demonstratives ". Mimeografado. University of Salford. 1-16.
- LYONS, J. (1977) Semantics . Volume 2. 1977. 1<sup>st</sup> ed. Cambridge University Press. Cambridge.
- MATTOSO CÂMARA JR., J. (1956) Dicionário de Fatos Gramaticais. 1956. 1<sup>st</sup> ed. Coleção de Estudos Filosóficos. MEC. RJ.
- MATTOSO CÂMARA JR., J. (1970) Estrutura da Língua Portuguesa. 1977. 8<sup>th</sup> ed. Vozes. RJ.
- MATTOSO CÂMARA JR., J. (1974) Dicionário de Filologia e Gramática. 1974. 6<sup>th</sup> ed. J. Ozon. RJ.
- MATTOSO CÂMARA JR., J. (1976) História e Estrutura da Língua Portuguesa. 1976. 2<sup>nd</sup> ed. MEC. RJ.
- MEYER-HERMANN, R. (1976) " Some topics in the study of the referentials in Portuguese ", in H. Radefeldt (ed). Readings in Portuguese Linguistics. Oxford.

- ODDS, E. (1979) "Planned and unplanned discourse". Syntax and Semantics. nº 12. New York. Academic Press. Ed: T. Givón.
- PONTES, E. (1978) "Os determinantes em português". Tempo Brasileiro. 53/54 : 145-165.
- ROBINS, R. (1966) "The development of the word class system of the European grammatical tradition". Foundations of Language . 2 . 3-19.
- ROCHA LIMA, C. H. (1957) Gramática Normativa de Língua Portuguesa. 1979. 20ª ed. Livraria José Olympio. RJ.
- RODRIGUES, A. D. (1978) "Os demonstrativos do português: descrição morfológica sincrônica e superficial". Estudos Lingüísticos I. Anais de Seminários do Gel. 1978: 64-66.
- RONA, J. P. (1958) Algunos Aspectos Metodológicos de la Dialectología Hispanoamericana. 1958. Montevideo. Universidad de la República.
- SAID ALI, M. (1964) Gramática Histórica de Língua Portuguesa. 1971. 7ª ed. Livraria Acadêmica. RJ.
- SOARES BARBOSA, J. (1822) Grammatica Philosophica de Língua Portuguesa. 1971. 5ª ed. Tipografia da Academia Real das Ciências. Lisboa.
- TANNEN, D. (1982) "Oral and literate strategies in spoken and written narratives". Language. Volume 58. Nº 1 : 1-21.